

PERNAMBUCO

HALLINA BELTRÃO

NOVAS REPETIÇÕES NOVAS DIFERENÇAS

Nova biografia nos leva a refletir o legado de Jorge Luis Borges

GALERIA



LARISSA PINHO ALVES

“As duas fotos fazem parte da série Casa como Convém, trabalho em que observo um grupo de amigos (que formam um coletivo de arte com o mesmo nome da série) e sua maneira de se relacionar com a casa e com os objetos do espaço de morada. A casa é uma das maiores forças de integração para o pensamento, as lembranças e os sonhos, e, nesse sentido, fotografar o habitar constitui, também, uma experiência de estudo sobre memória, tempo e identidade.”
www.larissapinhoalves.com
www.flickr.com/photos/satie

CARTA DO EDITOR

Nos 25 anos da morte de Jorge Luis Borges, o mais influente nome da literatura hispano-americanana do século passado, o Pernambuco promove um dossiê sobre o autor. Nosso mote foi o recente lançamento nacional da biografia Borges, uma vida, de Edwin Williamson, publicada originalmente em inglês em 2005. O professor titular do Departamento de Letras da UFPE, o argentino Alfredo Cordiviola, topou a empreitada de escrever uma análise dessa obra à luz dos clichês que cresceram e floresceram ao redor do “senhor das bibliotecas e labirintos”, nas últimas décadas.
“A biografia, entretanto, pode ser interessante não por desvendar algum hipotético segredo ou por oferecer alguma impensada chave interpretativa, mas porque impõe uma reflexão acerca do lugar que ocupa Borges no imaginário global das letras da atualidade. Toda vez que surge um novo ensaio, uma tese ou uma proposta de trabalho sobre Borges, essa reflexão tende a se atualizar. Se nem toda contribuição é capaz de redefinir as percepções sobre o fenômeno Borges, pelo menos ajudam a pensar nos motivos que despertam o interesse e confirmam a vigência das suas ficções, enquanto instauram pelo menos duas interrogações sempre pertinentes: por que se escreve hoje sobre Borges? Para que se escreve hoje sobre Borges?”,

observou Alfredo no ensaio inédito para essa capa do Pernambuco. Ainda no terreno “borgeano”, a escritora Lucila Nogueira preferiu fazer um ensaio pessoal, refletindo sobre suas primeiras leituras do autor. Como professora de letras, Lucila faz questão que seus alunos entrem em contato com o mundo de Borges. “Ele leva o leitor a reflita, quase nos forçando a aprender mais e mais. É uma força única na literatura”, observou Lucila, que também é imortal da Academia Pernambucana de Letras.
Nessa edição traz ainda um texto inédito de Julian Fûks, convidado do Festival A Letra e a Voz, que revela em primeira mão a inspiração por trás do seu novo livro Procura do romance. E Antonio Prata, um dos mais consagrados cronistas contemporâneos, faz uma defesa do seu ofício na entrevista do mês: “Tornei-me cronista, portanto, acho eu, porque era uma forma de viver da escrita. O que não significa que eu não goste do gênero, gosto muito e vivo defendendo-o dos detratores, que o acusam de ser um gênero menor”.
Vale ressaltar ainda o conto inédito de Ricardo Lisias que publicamos na contracapa. Lisias é nome de ponta da nova literatura brasileira. Seu conto Sobre a rapidez só faz comprovar a força da sua escrita.
Boa leitura e até o próximo mês.

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO
Governador
Eduardo Campos
Secretário da Casa Civil
Francisco Tadeu Barbosa de Alencar
COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO - CEPE
Presidente
Leda Alves
Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo
Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Menezes
CONSELHO EDITORIAL
Everardo Norões (presidente)
Antônio Portela
Lourival Holanda
Nelly Medeiros de Carvalho
Pedro Américo de Farias

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos
SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais
EDIÇÃO
Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani
REDAÇÃO
Mariza Pontes e Marco Polo
ARTE, FOTOGRAFIA E REVISÃO
Gilson Oliveira, Hallina Beltrão, Karina Freitas, Militão Marques e Sebastião Corrêa
PRODUÇÃO GRÁFICA
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves, Roberto Bandeira e Sóstenes Fernandes
MARKETING E PUBLICIDADE
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão
COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
Gilberto Silva
Cepe EDITORA
PERNAMBUCO é uma publicação da Companhia Editora de Pernambuco - CEPE
Rua Coelho Leite, 530 - Santo Amaro - Recife
CEP: 50100-140
Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

BASTIDORES

O personagem é quem “escreve” o seu escritor

O convidado do festival *A Letra e a Voz*, que a Prefeitura do Recife realiza em agosto, revela os mecanismos que impulsionam o seu novo livro, *Procura do romance*

CARTUNS
SANTIAGO
REBBES@TERRA.COM.BR



Julián Fuks

Escrever é um ato de fracasso. A procura ineficaz da palavra inexata, da palavra que falta, ou da palavra que escapa. Escrever é afundar-se em um presente angustioso e denso feito da ausência da linguagem, de seu silêncio, de sua falência. Não há porvir no instante em que se escreve; esse instante não prevê qualquer futuro, não o percebe em sua iminência. O vazio não conhece o vocábulo que irá suplantá-lo, não o aceita, parece não comportar sua insuficiência, sua arbitrariedade. Também não há no átimo da criação qualquer pretérito, ou esse é o átimo que dilui e distorce todo passado, que o dissolve em palavra. Escrever é destecer a trama que parecia enredar-se, anular a ideia que se insinuava antes mesmo que se formasse, designio partido antes da chegada. E, no entanto, ou por isso, por nunca vingar o impulso primário, por nunca redimi-lo ou saciá-lo, escrever é uma inelutável necessidade.

Discorde-se; isso é o que tem sido escrever para mim. Um dia, uns quantos anos atrás, inflamei-me de certeza e exaltei a virtude de contar histórias, reais ou imaginárias, inéditas ou reiteradas, extensas ou sumárias. Depois desse dia as histórias não me apareceram mais, como se me desertassem ou de mim se evadissem, como se desdenhassem da minha confiança desmesurada. Tentei escrever um conto e a história se fez de imediato problemática, desviou-se em entraves, revelou-se puro impasse. Tentei escrever outro, e outro mais, e travestida em outras frases ou camuflada em outros parágrafos deparei com a mesma história, feita apenas de hesitação, lucubração e obstáculo. Ergui os olhos do papel – ou da tela luminosa, para ser acurado. Compreendi estar diante de algo mais complexo e intrincado, uma tênue incipiência do que já se mostrava sinuoso, uma fina linha que já se enredava e que eu teria que destramar se quisesse continuar narrando, se quisesse ser escritor.

Para fazer-me escritor, fiz escritor meu personagem. Fiz de meus vacilos os vacilos dele, fiz de minhas dificuldades as suas dificuldades. A ele ca-

bia empantanar-se no mundo em busca de alguma improvável verdade, perscrutar as minúcias das ocorrências banais, furtar dos interstícios da vida a razão de sua pertinácia. Forneci-lhe uma biografia emprestada, jovem semiargentino a deambular por Buenos Aires à procura de suas raízes: minha própria biografia, que ele cuidou de desvirtuar de acordo com suas necessidades, explorando com todo critério os atributos supostos, as relações em hipótese, as identidades alegadas. Nele investi toda minha crítica, fiz dele um sujeito obstinado ou obsessivo, a vasculhar em sua vivência ou na memória inventada onde estaria o truque narrativo, a inverdade, a falha. Com ele montava e desmontava os episódios de sua existência, para que insatisfeito ele os abandonasse sem mais narrar, legando-me uns quantos capítulos de palavras sustadas. Assim, fiz do fracasso da escrita o fracasso do meu personagem, e em suas ruínas recolhi meu romance.

Não foi um processo fácil. No primeiro dia, tomado de entusiasmo, escrevi quatro parágrafos, longos como estes ou ainda mais longos, e fui dormir com uma estranha sensação de dever cumprido, embora tanto ainda me faltasse. No segundo dia, no terceiro dia, em dias subsequentes de quase um ano inteiro, repeti o fervor e fui colhendo parágrafos de dois em dois. Então fui me escasseando por ocorrência de algum rigor. Houve vezes, inúmeras, em que o silêncio se impingiu sobre mim e me dominou, calou-me os dedos, como se recusasse ser contrariado por algo de serventia menor. Por mais três ou quatro anos, bom foi o dia em que acrescentei umas poucas linhas de algum valor, e em que aprendi que tão importante quanto a ideia é a ladainha, o ritmo da frase, a sonoridade, as rimas internas, as pequenas nuances, a construção de um discurso rico em forma e melodia. Agora estou preso a esses mecanismos, burlo o silêncio não com a boca, ou com os dedos, ou com as ânsias, mas com os ouvidos – e só assim pude escrever estas linhas sobre a procura da *Procura do romance*.

Julian Fúks lança *Procura do romance* no segundo semestre deste ano, pela Editora Record. É autor também de *Histórias de literatura e cegueira*.

ARTIGO

Você quer uma conversa boa? imagine-a então

Diálogos possíveis e fantasiosos com o escritor espanhol Enrique Vila-Matas

Kelvin Falcão Klein

KARINA FREITAS



A amizade é o campo da relação com o outro, que se dá, em Enrique Vila-Matas, a partir do texto. Eu deixo o outro viver em meu texto para que ele se transforme, efetivamente, em uma parte de mim, sem que perca, com isso, suas feições. Na amizade, o indivíduo se faz outro. Dissemina a própria subjetividade em uma trama na qual cada ponto de passagem responde pelo todo. O amigo é o mesmo e também o outro. Ler o amigo é ler, de forma privilegiada, a si.

A amizade, trazida como uma categoria do pensamento, nos dá uma nova estratégia de leitura: o que é abstrato no campo da filiação literária (a intertextualidade da tradição e a forma como um autor é unido a outro) torna-se direto e pessoal em Vila-Matas, por conta da máquina de nomeação que ele coloca em funcionamento dentro de seus livros. Aparecem as casas, os homens, as mulheres e os contextos: Claudio Magris, Rodrigo Fresán, Paula de Parma, Fleur Jaeggy, Valparaíso, Sevilha e Buenos Aires.

Essa parte das conversações procura mapear parte desses nomes e observar o funcionamento específico de cada um deles na poética do autor.

Tenho a impressão de que dois livros seus dependem bastante dos laços de amizade – *Paris não acaba nunca* e *Bartleby e companhia* –, mas em registros distintos: o primeiro remeteria a amizades de seus anos de formação, um contexto de experiência e vivência que só mais tarde seria transformado em texto; *Bartleby e companhia*, contudo, parece arregimentar um contingente de companheiros de leitura que contribuíam com dados, autores ou indicações bibliográficas, colaborando diretamente com o texto. O senhor poderia comentar essa relação?

– É essa a situação de *Bartleby e companhia*: é um livro que nunca parou de ser escrito. Recebo sugestões e novos casos de abandono da literatura, amigos me ligam e perguntam se eu não penso em lançar um segundo volume. As notas feitas sob um texto invisível são agora complementadas pelas leituras de muitas outras pessoas. Valery Larbaud conta que, por quase 20 anos, os amigos lhe apresentaram dados e indicações de livros, dizendo a ele: “Isso vai ajudá-lo com seu São

Jerônimo”. Larbaud estava trabalhando em seu estudo sobre a tradução, que talvez tenha demorado tanto justamente por conta dessa participação silenciosa das pessoas ao redor. Havia sempre uma ideia a mais a acrescentar e um livro que deveria ser lido. Sempre há um livro que deve ser lido.

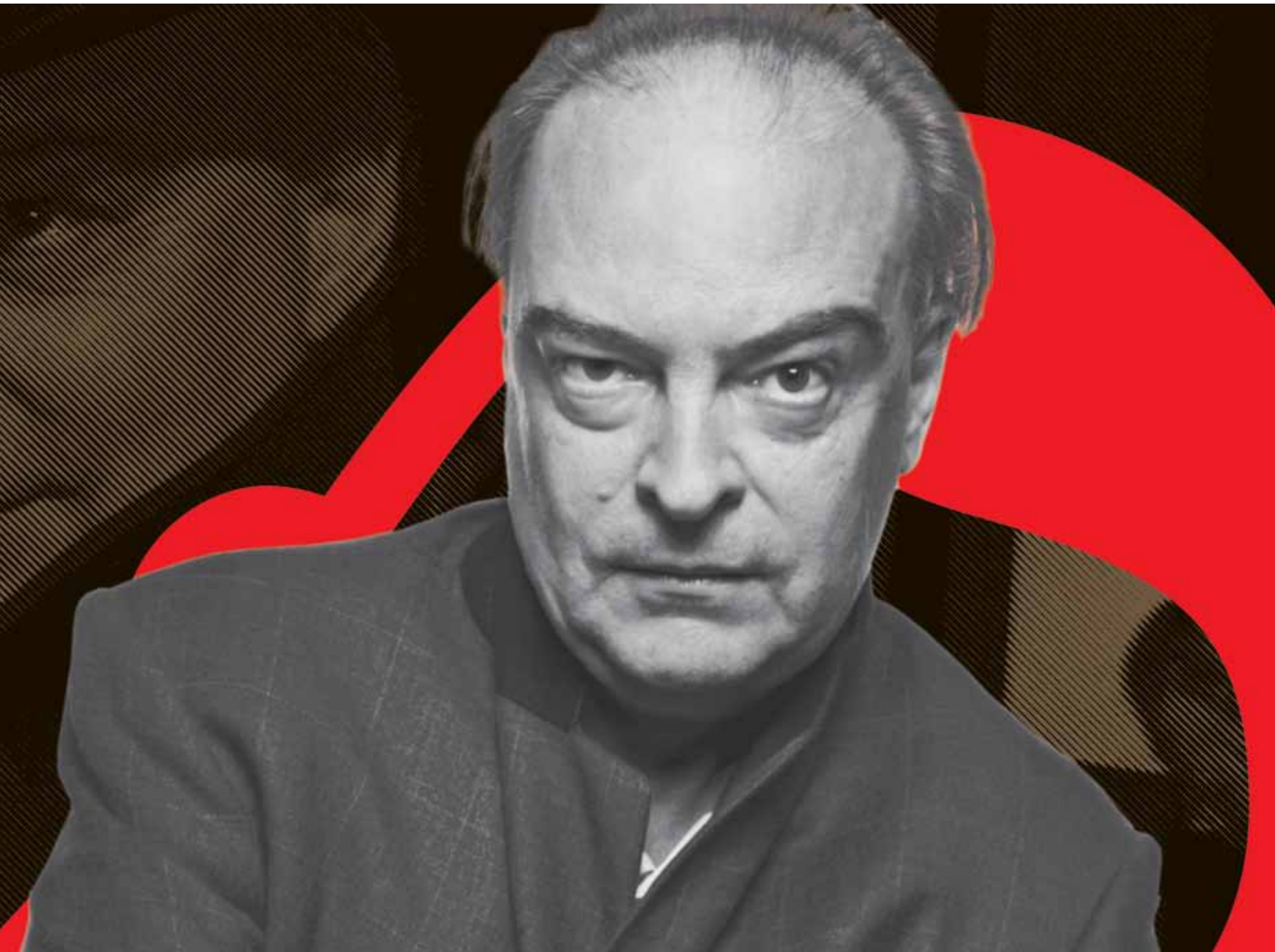
Não é por acaso que Valery Larbaud tem papel tão importante em *Bartleby e companhia*, junto de outros escritores também muito importantes para a concepção do livro, como Paul Valéry, Kafka ou Robert Walser – todos cultores de uma postura de servidão produtiva para com a literatura, cada um à sua maneira. Subalternos, como o senhor os chama.

– Há também Emmanuel Bove, que morou no mesmo prédio que André Gide, na rua Vaneau, em Paris. Bove no térreo e Gide mais acima. Quando jogavam xadrez, era sempre Gide quem ganhava, não por ser melhor jogador, mas porque Bove era um melhor perdedor. Bove, como Walser, segue em frente sempre perdendo coisas pelo caminho. Não era um colecionador como Gide, por exemplo. Bove parecia trabalhar sempre a partir do dispêndio. A breve convivência que tiveram é muito representativa da postura que cada um cultivava diante da literatura. Gide era escutado, seguido e observado. Bove era o melhor entre os escritores desconhecidos, dizia Beckett. Algo na linha do que pode ser encontrado entre Borges e Arlt.

Em uma de suas crônicas, o senhor diz que Roberto Arlt lhe ofereceu um dos livros mais úteis que já leu em sua vida – um livro que lhe trouxe um conceito claro não da existência e, sim, da sobrevivência do escritor. Que conceito é esse?

– Penso que se trata da consciência de que a escritura é uma estrutura vazia e que o escritor é um Narciso que se lança sempre no vazio. Escrever leva sempre a um túnel sem final, porque jamais se chega à satisfação plena, nunca se chega a escrever a obra excepcional que sempre confiamos que faríamos algum dia, e isso produz a maior das angústias. Antes se aprende a morrer do que a escrever. Arlt falava da necessidade imediata de se viver um dia após o outro, de conseguir





o sustento a partir da literatura. Mas Ricardo Piglia já nos mostrou que sua sobrevivência vai muito mais longe. O cadáver de Arlt está sobre a cidade, o caixão suspenso por cabos e retirado pela janela, dado seu tamanho. É uma presença que não se pode neutralizar. Sua obra é uma profecia, uma cifra de um mundo que ainda se anuncia. Arlt morreu aos 42 anos e sempre será jovem.

Muitos já disseram que esse relato do cadáver de Arlt sobre Buenos Aires, contado por Piglia a partir das fotos do velório, é apócrifo. Esse procedimento de escapar tanto da verdade quanto da mentira, insistindo em um falseamento que potencializa a ficção, está também em sua novela *Impostura*, está na *Historia abreviada da literatura portátil*, em *Doutor Pasavento*. Muitos são os autores contemporâneos que seguem a trilha: Aira, Tabucchi, Martín Caparrós no livro sobre o roubo da Gioconda, Ricardo Cano Gaviria em seu livro sobre as últimas horas de Walter Benjamin. Como o senhor vê esse agrupamento arbitrário?

– Não é a primeira vez, e certamente não será a última, que fico lado a lado com Antonio Tabucchi. Ele é responsável por uma guerra total contra a literatura que não confia em si mesma, e é um dos maiores artífices e falseadores de nosso tempo. Seus livros têm a capacidade de transformar retrospectivamente seus precursores. Só pude ler *Moby Dick*, de fato, depois de ter passado por *A mulher de Porto Pim*, seu livro sobre os Açores. Alguns anos atrás, combinamos de nos encontrar. Eu passaria por Roma para uma conferência e Tabucchi também estaria lá. Comprei um presente para meu amigo, evidentemente. Quando, finalmente, nos colocamos frente a frente, com os pedidos no bar já feitos, resolvo anunciar a lembrança singela que havia preparado para a ocasião. Antonio faz o mesmo, e, pelas dimensões, vejo que é também um livro. Surpresos, constatamos que os livros são iguais: os escritos do Barão de Teive, o semi-heterônimo piromaniaco de Pessoa, que acabavam de ser editados.

Kelvin Falcão Klein é autor de *Conversas apócrifas com Enrique Vila-Matas*

Breve guia de leitura para Vila-Matas

Diogo Guedes

A crítica já consagrou Enrique Vila-Matas como um dos principais nomes da literatura contemporânea, assim como bem definiu as pulsões de seus livros: a de desaparecer, a de negar-se, a de mergulhar a literatura dentro de si mesma, deixando sempre nesse percurso ironias sutis e melancólicas – até porque, de certa forma, toda ironia deveria ser uma constatação melancólica. Como uma boa parte dos grandes escritores, suas obras parecem fazer parte de um universo único, habitado pelos personagens e tipos que aparecem com recorrência nas suas narrativas e pelo tom leve do seu também já tão falado modo ensaístico de escrever ficção.

Vila-Matas reproduz e reconstrói com maestria suas motivações literárias em cada um de seus livros – assim, qualquer escolha para se iniciar em sua obra é uma espécie de acerto singular. *O mal de Montano*, de 2002, é uma das representações mais fortes da própria condição do autor catalão, um doente de literatura como os personagens citados, contaminados por livros e escritores a ponto de esquecerem tudo mais e perderem o sono e a sanidade preocupando-se com o seu fim.

Esse mal-estar literário, um condição do texto de Vila-Matas, é notado ainda mais em *Bartleby e companhia*, de 2001, talvez a melhor porta de entrada para sua obra. Como se fosse incapaz de conceber personagens que não vivam em torno e dentro da literatura, ele nos apresenta um escritor, há 25 anos sem publicar nada, disposto a fazer um diário para colecionar história de autores bartlebys. O adjetivo, tirado de uma obra de Herman Melville, serve para descrever os pessoas

tomadas de forma arrebatadora por uma pulsão negativa, a de se negar a fazer qualquer coisa, a de abster-se do mundo – no caso, recusando-se a voltar a publicar ou escrever.

Nesse trajeto, parte ensaístico e parte ficcional, ele traz à cena alguns de seus recorrentes personagens. Robert Walser, Franz Kafka e Paul Valéry servem às passagens do autor catalão em diversos momentos do livro e de suas demais obras. Em Juan Rulfo, ele encontra uma das desculpas que mais o impressionaram para o silêncio. Quando perguntado o motivo de tal escolha, o autor dizia: “É que morreu meu tio Celerino, que era quem me contava as histórias”.

Em meio a passagens completamente anedóticas, Vila-Matas vai descifrando a angústia e psicologia dos autores. Um dos belos momentos é quando ele fala de Juan Ramón Jiménez. Prêmio Nobel, ele decidiu, depois da morte de sua mulher, Zenobia, nunca mais criar nenhuma obra. Segundo o catalão, é um silêncio que quer provar que só fazia sentido escrever com ela viva, e a frase de Juan Ramón é uma síntese do livro: “Minha melhor obra é o arrependimento por minha obra”.

Buscando a motivação do não escrever, o catalão termina por esboçar a descrição do fio que mantém a literatura contemporânea viva, fazendo uma das melhores representações de sua própria contaminação sufocante pelos livros. Em *Bartleby e companhia*, Vila-Matas dá a entender que narra para escapar – talvez inutilmente – de uma armadilha que cria em seus ensaios ficcionais, transformando escritores como Walser e Kafka em personagens quase pitorescos. Expõe isso a partir de uma frase cortante e definitiva do argentino Rodolfo Fogwill: “Escrevo para não ser escrito”.

ENTREVISTA
Antonio Prata

O lugar da crônica, essa “vira-lata” da nossa literatura

Na perspectiva do cronista paulistano, o leitor brasileiro precisa do lirismo e do humor do gênero em meio à aridez das notícias e análises da imprensa atual

DIVULGAÇÃO



Entrevista a **Luís Henrique Pellanda**

É comum encontrarmos por aí uma série de definições para a crônica. Tanto Machado quanto Alencar a comparavam a um colibri a esvoaçar pela página. João Paulo Cuenca disse que ela é o pingente do jornal. Martha Medeiros a tem na conta de esponja do cotidiano. Paulo Mendes Campos a considerava a azeitona do pastel cultural. Vinicius, o cafezinho quente pós-refeição e pré-cigarro. João do Rio, um espelho capaz de guardar imagens para o futuro. Alceu Amoroso a chamou de passarinho afogado. Telmo Martino, de pássaro dodô da literatura. Para José Castello, o cronista é um cigano, um nômade entre dois mundos.

Definições: Antonio Prata – que, apesar dos 33 anos, já acumula uma longa experiência de

publicação, tanto em livro quanto na internet e na imprensa – não tem a sua. Na verdade, tem, mas não a formula categoricamente: julga que a crônica é um gênero de várzea, numa época em que as várzeas foram asfaltadas. Prefere, portanto, cultivar certa indefinição “taxonômica”. Para ele, o espaço da crônica deve ser reservado a investigações cotidianas, hipercomentários sobre o nada, reflexões carregadas de humor e lirismo – o que vier. Melhor dizer, é claro, que a definição de crônica de Antonio Prata está no livro que lançou no ano passado, pela Editora 34, *Meio intelectual, meio de esquerda*, reunião de 77 de seus textos publicados na web e nos jornais desde 2004. Mesmo assim, ele arrisca aqui as suas boas opiniões. Na entrevista abaixo, Prata fala sobre o alcance atual da crônica e afirma que, para um escritor de 1,68m, ser visto como um “autor menor” não tem muita importância.

São muitas as definições de crônica. Você tem a sua? Por que a confusão entre crônica e conto é tão comum hoje em dia? Ou antes: por que essas definições preocupam tanta gente?
Acho que a definição de crônica ocupa tanto as pessoas pela própria indefinição do gênero, esse vira-lata que nasceu do cruzamento da literatura com o jornalismo, mas que, apesar de híbrido, é profundamente fértil e capaz de produzir filhotes com as mais diversas caras. Como ela é, antes de mais nada, um espaço no jornal, muitas vezes entra na moldura outros gêneros, da análise econômica ao conto, passando pelo ensaio, pela “pensata”, até pela receita de bolo, o que complica ainda mais a empreitada taxonômica. (Perdoem o “taxonômica”, aprendi a palavra outro dia, estava doido pra usar). Eu não saberia definir crônica. Como o romance ou o conto, há muitos tipos de crônica. Um deles poderia ser descrito como uma lente de aumento num assunto que, desleixadamente, chamaríamos de menor – como se de fato houvesse algo menor sob o céu: não há, tudo é importante, como bem sabem os artistas, os detetives e os neuróticos em geral. Pois bem, essa lente de aumento criaria um hipercomentário, que é uma das formas da crônica – aquela que começa com “Você já reparou que...”. Uma crônica, contudo, também pode ser uma história, um caso, ocorrido ou não. O que a diferenciaria de um conto, então? Deixo a pergunta aos entendidos em Teoria Literária; eu realmente não sei.

Aos 14 anos, você escreveu sua primeira crônica, a respeito da demolição da casa da sua família, um texto que fez a sua mãe chorar. José de Alencar também fazia a mãe chorar ao ler para ela romances em voz alta, quando criança. Sobre o caso, Moacyr Scliar opinou: “A literatura é a única coisa que faz com que um jovem arranque lágrimas

“ Não me importo, se me tacharem de ‘escritor menor’: com 1,68m, nunca esperei me deparar com outra coisa mesmo

“ A crônica é tirar leite de pedra. Romance não é comentar, é narrar. O processo do romance é transformar leite em pedra

de um adulto, sobretudo um adulto importante como é, para cada um, a sua mãe”. Com você, na época, aconteceu algo parecido? O que lhe o fez optar pela crônica e pela literatura? Olha aqui, apesar de aquele texto ter feito chorar minha mãe e minha irmã, sempre preferi – e levei muito mais jeito para – fazer rir os outros. Não saberia dizer o que me fez optar pela literatura. Nem sei se é tanto uma opção, é mais uma descoberta, né? Como a sexualidade e a preferência por sorvete de creme, em vez de morango. Sem dúvida, ser filho de escritores (Mário Prata e Marta Góes) deve ter influenciado, nos genes e no meio. Também estudei em escolas que sempre incentivaram muito a leitura e me fizeram, desde cedo, gostar de ler. Já sobre a crônica: acho que fui parar aí um pouco por necessidade. Como escritor, você precisa se sustentar, e a crônica é talvez o gênero mais rapidamente vendável. Tornei-me cronista, portanto, acho eu, porque era uma forma de viver da escrita. O que não significa que eu não goste do gênero, gosto muito e vivo defendendo-o dos detratores, que o acusam de ser um gênero menor. Rubem Braga é um escritor menor?

Antonio Candido disse que a crônica é “um gênero menor, graças a Deus”, pois apenas sendo pequena estaria mais próxima da gente e acabaria se tornando, para muitos, um caminho para a vida e a

literatura. A crônica pode ter essa função? Para você, que lia os cronistas desde cedo, ela foi uma formadora? Ó lá! Ó lá! Não falei? Juro que não tinha lido a pergunta ao responder a anterior. A crônica, na maior parte do tempo, lida com o mezinho, o cotidiano, o banal. Mas, oras, nós também não lidamos, a maior parte do tempo, com o mezinho, o cotidiano, o banal? A vida não é gasta, 99,99%, lidando com o mezinho, o cotidiano, o banal? Por que, então, falar do pequeno é ser menor? A vida como ela é é menos importante do que a vida como ela não é? Não acho que uma crônica sobre um estilingue seja, a priori, menor do que um conto sobre o grande amor. Porque, se a crônica sobre o estilingue for boa, ela vai além deste primeiro tema. Ela vai falar sobre a infância, a violência, as memórias de menino e o escambau. A crônica come pelas beiradas. Mas come! Além disso, a crônica também pode falar do grande, e o faz diversas vezes. Por que *O amor acaba*, do Paulo Mendes Campos, seria menor que uma boa poesia sobre o mesmo tema? Sobre a segunda parte da sua pergunta: sim, a crônica foi fundamental à minha formação, mas não só ela. Acho que escritores se alimentam de todos os gêneros, independentemente do formato que eles pratiquem. As manhas como cronista me ajudam a

escrever roteiro, os truques de roteirista me auxiliam no romance e assim por diante.

Ainda sobre o tal “gênero menor”. Você acha que a crônica é vítima de algum tipo de “preconceito” no ambiente literário? Para Luiz Ruffato, muitos literatos torcem o nariz para ela porque a crônica estaria diretamente relacionada ao prosaísmo da associação entre jornalismo e dinheiro. Sim, ainda há preconceito. Acho que, por um lado, pode ter a coisa do dinheiro, mas, por outro, também, quem sabe, uma ponta de inveja, porque a crônica, ao aparecer em jornais e revistas, é muito mais lida que a maioria dos romances. Parte dos comentários contra a crônica pode ser como a inveja de um músico clássico diante do músico de rock: “São apenas três acordes e ‘She loves you yeah yeah yeah’, isso não é música!”. Mas não acho que o preconceito da alta literatura contra nós, os baixotes da escrita, cause algum mal para além das rodas literárias. Acredito que as crônicas passaram maus bocados nas últimas décadas por outra razão. Da queda do Muro de Berlim em diante, assistimos a uma profissionalização do mundo. O espaço dos cronistas foi ocupado por analistas, cientistas, gráficos, tabelas. A crônica é um gênero de várzea e as várzeas foram

asfaltadas. Otimizadas. Impermeabilizadas. E o cronista, esse vira-lata, ficou meio sem lugar. Mas acho que isso está mudando, porque as pessoas percebem a aridez e querem sabor, querem um pouco de humor e lirismo no meio do deserto de números e análises.

Parece que a crônica voltou a interessar o leitor brasileiro e o mercado editorial. Você tem essa impressão? A internet pode estar associada a esse revigoreamento? Qual a sua experiência como cronista também de blog? O gênero respira bem fora do jornal, na atmosfera da web? Eu espero que você esteja certo. Ficaria muito contente, tanto como escritor como quanto leitor. Acho que a internet pode ter o seu papel, mas outra razão é o natural retorno de pêndulo. Ninguém aguenta tanta seriedade, controle, tanto papo sério. Quem sabe, como ervas daninhas, as crônicas brotem entre um infográfico e outro? Sobre a internet: ela recria essa saudável várzea de que eu estava falando. Ali nasce o texto sem compromisso, sem gancho, sem a obrigação de informar, de esclarecer, apenas com a intenção de agradar, de levar graça, lirismo. Sobre o blog: eu sou um blogueiro muito relapso. Raramente escrevo um texto para a internet: gasto todo tempo disponível em meus projetos e obrigações profissionais, quando termino, não

quero escrever mais nada. Ironicamente, minha crônica mais conhecida, *Bar ruim é lindo, bicho!*, que fala dos “meio intelectuais, meio de esquerda”, foi publicada pela primeira vez em um blog.

E seu romance para a coleção *Amores Expressos* (Prata prepara um livro sobre uma história de amor em Xangai)? Já está pronto? Como foi passar de cronista e contista experiente a romancista estreante? Obrigado pelo “cronista e contista experiente”! O romance ainda não está pronto. Foi difícil mudar a chave da crônica para o romance. Um gênero chega a ser o oposto do outro. A crônica é um comentário sobre nada, é tirar leite de pedra. Romance não é comentar, é narrar, é transformar leite em pedra, construir a história, os personagens, preferencialmente sem ficar metendo o bedelho, o tempo todo, no que eles estão fazendo. Acho que consegui virar a chave, mas prefiro não dizer que o jogo está ganho antes de ver o livro publicado. Espero que fique bom. Mas, se não ficar, também, tudo bem, sou feliz como cronista. (Não me importo se me tacharem de “escritor menor”: com 1,68m, nunca esperei outra coisa...)

Luís Henrique Pellanda é jornalista e autor do livro *O macaco ornamental*.

PROJETO EDITORIAL

INDIO SAN/ DIVULGAÇÃO



O padroeiro dos “perdidos” é revisitado

Diogo Guedes

Um livro é mais do que a narrativa que ele mesmo propõe. Por trás das escolhas de formato, fonte, papel e extensão, há a própria história do processo de produção da obra, um caminho árduo omitido do seu enredo, mas que o influencia direta ou indiretamente. Entre a ideia e a materialização dela, existem diversos obstáculos e prazeres a serem incorporados e redescobertos na obra. *Um outro pastoreio*, escrito por Rodrigo dMart e ilustrado por Indio San, é um dos casos em que essa interferência se torna um elemento importante para a própria realização do produto.

A dupla gaúcha enfrentou bem mais que angústias criativas para concluir o livro. Sim, claro que elas existiram – durante cinco anos, eles produziram quatro “bonecas” (versões impressas) de *Um outro pastoreio*, e o roteiro, que antes tinha 10 páginas, passou a ter mais de 100. Assim, o trabalho sofreu mutações profundas

desde sua aparentemente simples proposta inicial: a de recontar a lenda popular do *Negrinho do Pastoreio*, uma das mais conhecidas no Rio Grande do Sul, em uma união singular de texto e ilustrações.

Segundo Rodrigo dMart, que veio ao Recife e a Olin- da recentemente para divulgar a obra, a ideia original era dar uma roupagem contemporânea à história, mais conhecida na versão regionalista do escritor João Simões Lopes Neto. Na narrativa popular, o Negrinho é um escravo maltratado e espancado por seu dono por não conseguir capturar de volta um cavalo. Mas seu sofrimento é recompensado: passa a ser protegido por Nossa Senhora e espécie de padroeiro dos que precisam encontrar algum objeto perdido.

“Nós partimos de duas hipóteses. Primeiro, e se o Negrinho do Pastoreio não fosse um escravo, mas um ser elemental, uma espécie de arquétipo mitológico? Segundo, e se a santa da lenda, que acaba tendo uma denotação mais católica, apesar disso não ser explícito, fosse na verdade um entidade ligada aos orixás?”,

expõe o autor, também jornalista e músico. Com esse foco, a dupla juntou à lenda as histórias de culturas e religiões africanas.

Um outro pastoreio tem uma construção narrativa fragmentada, contada por meio da união de texto com fotografias, desenhos, bonecos e ilustrações digitais. Simão é um velho que caminha à noite até encontrar um menino, passando a apresentar-lhe e aos leitores a lenda do *Negrinho do Pastoreio*, revelando também aos poucos o envolvimento dos orixás nessa trama. Aparentemente complexo, esse fluxo acontece naturalmente, mediado pela bela relação entre as sombrias e habilidosas ilustrações de Indio San e o texto lírico, com tom de fábula, tecido por Rodrigo, também composto por poemas e cantos.

Como o autor aponta, a escolha da temática dos orixás demandou uma pesquisa extensa – evidenciada no material extra, que traz a versão original da lenda, um glossário e outros textos –, que foi desde a consulta de documentos e livros até a visita a terreiros. “Eu

Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

FICÇÃO CIENTÍFICA

A Editora Globo lança *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, em quadrinhos assinados pelo americano Tim Hamilton

O Editora Globo está lançando, sob o selo Globo Graphics, a versão em quadrinhos assinada por Tim Hamilton do romance *Fahrenheit 451*, do escritor norte-americano Ray Bradbury (foto). O livro foi lançado originalmente em 1953 e em 1966 rendeu uma ótima versão cinematográfica, sob direção de François Truffaut. A história ocorre num futuro em que ler livros ou ter ideias

próprias é tido como um ato subversivo, numa sociedade que se pauta pela neutralização de qualquer individualidade. Dentro dessa lógica invertida, os bombeiros não são encarregados de apagar incêndios e, sim, de queimar livros (o título é uma referência à temperatura em que o papel entra em combustão). Bradbury é conceituado por dar à ficção científica dimensões de alta literatura.

DIVULGAÇÃO



O caminho percorrido até o resultado final se tornou mais uma narrativa do livro, uma história exterior à obra

não me considero de religião nenhuma, sou apenas muito curioso por elementos de qualquer mitologia. A dos orixás é muito interessante porque não tem, diferentemente de outras, como a do islamismo, do catolicismo, do judaísmo, uma característica moralista. Os deuses erram, acertam, sacaneiam, choram, brigam, morrem, renascem”, descreve o autor. “É uma grande telenovela.”

DIVERSIDADE DE GÊNEROS

Um dos diferenciais de *Um outro pastoreio* é a impossibilidade de conseguir encaixá-lo em um gênero específico. Está longe de ser uma narrativa ilustrada, porque muitas vezes os desenhos têm balões e são protagonistas das páginas. E, mesmo que em alguns momentos traga páginas em formato de quadrinhos e verdadeiras cenas construídas apenas com ilustração, o livro também não fica muito tempo nessa opção. Talvez o termo *novela gráfica* – em um sentido diferente do associado às HQs – seja a denominação mais próxima.

“Quando o projeto começou, a ideia era que, cada página de desenho abstrato viesse com um trecho de poesia, mas isso só serviria se a gente ficasse muito próximo do enredo tradicional da lenda”, conta Rodrigo. Quando os dois decidiram criar em cima da narrativa original, foi necessária uma nova forma de contar. “Nessas idas e vindas, o Índio foi pesquisando vários caminhos, que acabaram levando-o de volta a um projeto da faculdade de *stop motion* com bonecos. O livro virou quase uma fotonovela, com balões e tudo”, lembra o escritor.

A negociação foi árdua para achar o ponto de equilíbrio entre texto e imagem. “Na verdade, se não tivéssemos lançado, ainda estaríamos mexendo no livro, seria uma alquimia eterna”, brinca Rodrigo. Um atestado disso é a quantidade de versões impressas, que foram incorporadas às apresentações da obra que os autores fazem durante as turnês pelo país. O caminho percorrido até o resultado final se tornou mais uma narrativa do livro, uma história exterior à obra, mas que passou a ser fundamental para também entendê-la – e valorizá-la ainda mais.

Depois de várias tentativas de convencer editoras a aceitarem o projeto e de também “bater na trave” em editais de fomento, a dupla decidiu partir para um caminho próprio, tão difundido atualmente: o financiamento coletivo, ou *crowdfunding*. “O que fizemos mesmo foi uma boa e velha ação entre amigos. Só que talvez essa fórmula de publicação do livro tenha chamado a atenção das pessoas. Isso está muito em voga hoje”, opina o autor.

Segundo Rodrigo, com a opção feita, o cálculo para definir o valor necessário foi simples: eles queriam custear uma tiragem de mil exemplares, caixas e embalagens e também envio para os colaboradores. Esperavam que cada um dos dois convencesse cerca de 50 amigos a ajudar com R\$ 100. “Para nossa surpresa, em pouco mais de três semanas, a gente conseguiu vender 160 cotas”.

A contribuição dava direito a duas cópias em capa dura, coloridas, numeradas e autografadas, com o envio incluso. “Uma coisa boa foi que nós conseguimos essas vitórias depois de ouvir das editoras coisas desse tipo: ‘Como é? Vocês querem editar em capa dura? Colorido? Com papel especial? Vocês estão loucos, não é viável’”, recorda Rodrigo. As rejeições iam pelo mesmo caminho. “Elas sempre foram reclamando do custo, nunca ninguém fez sugestões ou questionamentos ao livro. Ninguém se preocupava em fazer o papel de editor. Então, no fim, foi necessário que nós também aprendêssemos a editar a nós mesmos, o que foi um trabalho doloroso”, conta.

Os não escutados foram essenciais para a dupla: “Acabaram até ajudando no processo de criação, porque a gente teve mais tempo”. Com os cinco anos de criação de *Um outro pastoreio* na bagagem, que rendeu aos dois também um editora própria, a Gaveta Editorial, eles organizam agora novos projetos. Índio San trabalha numa história em quadrinhos, *Escárnio*, já perto de ser finalizada. “Estamos pensando agora na forma de lançá-la. Imaginamos em algo diferente, com outro mecanismo”. Enquanto isso, Rodrigo escreve um livro de terror, *A escadaria* – os projetos são individuais, mas eles sempre trocam comentários sobre suas produções.

Os gaúchos ainda estão produzindo mais uma obra em conjunto, com o nome provisório de *Lobos e borboletas*, uma mistura de lendas indígenas com cultura cigana, tendo o antropomorfismo como tema. “Esse deve ser algo mais próximo ao *Um outro pastoreio*. O argumento está pronto, mas a gente tem que escrevê-lo para começar mesmo o trabalho”, antecipa. E que ninguém duvide que o livro vai sair, não importa se em breve ou se daqui a alguns anos, se por uma editora ou pelas mãos da dupla e de seus colaboradores: Rodrigo e Índio já provaram que até tiram alguma força de dificuldades editoriais.

O LIVRO



Um outro pastoreio

Gaveta Editorial

Páginas 208

Preço R\$ 50

ON LINE

Revista virtual atrai na visualidade e nos textos

Vale a pena conhecer a revista virtual *Cadernos de Não-Ficção*, da Não Editora, uma simpática “pequena editora independente” de Porto Alegre. Editada por Alexandre Xerxenesky e com projeto gráfico de Samir Machado de Machado, é bonita e traz textos inteligentes. Destaque para o número dois da revista, cuja temática principal é o questionamento de mitos como “poesia não vende” e “ninguém lê poesia”, além de abordar assuntos variados.

MEMÓRIA

Massao Ohno, o editor paulista que dedicou toda sua vida a publicar livros de poemas e atuou no MCP do Recife

Há um ano, morria Massao Ohno. Nascido em Sorocaba, São Paulo, filho de japoneses, estudou Odontologia, mas logo dedicou-se aos livros, sua verdadeira paixão. Foi um caso raro, pois passou a editar exclusivamente poesia. E não poesia consagrada, mas poesia de transgressores como Roberto Piva, Hilda Hilst e Jorge Mautner. Artista gráfico, incorporou obras de arte às suas

edições, promovendo o diálogo entre linguagens. Foi, ainda, produtor cinematográfico, mais uma vez fora do estabelecido. Produziu o clássico do cinema marginal *O bandido da luz vermelha*, de Rogério Sganzerla. Massao Ohno também atuou no Movimento de Cultura Popular, nos anos 1960, em Pernambuco, editando o famoso álbum *Meninos do Recife*, de Abelardo da Hora.

A Cepe – Companhia Editora de Pernambuco informa:

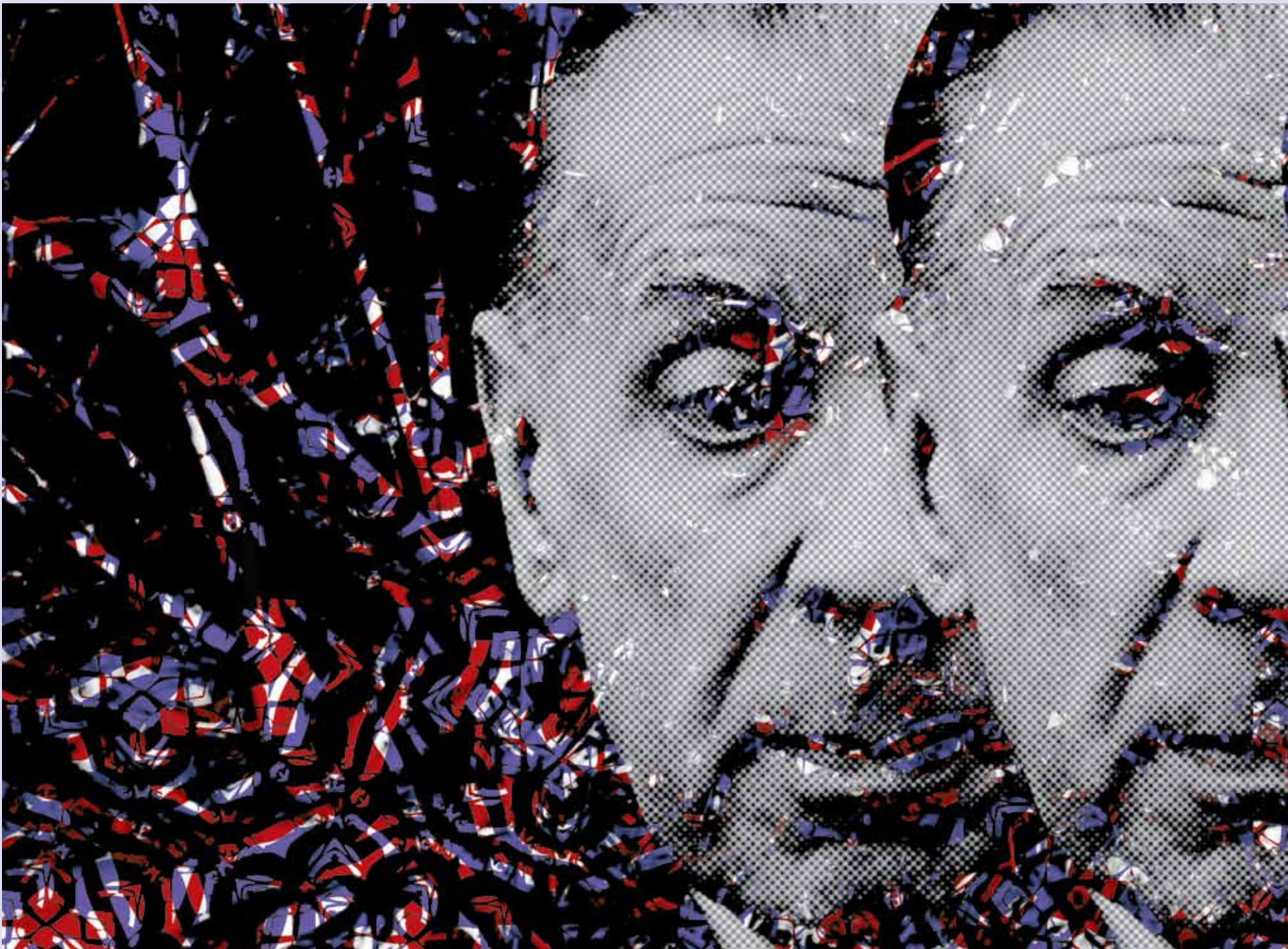
CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINAIS PELO CONSELHO EDITORIAL

- I** Os originais de livros submetidos à Cepe, exceto aqueles que a Diretoria considera projetos da própria Editora, são analisados pelo Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
1. Contribuição relevante à cultura;
 2. Sintonia com a linha editorial da Cepe, que privilegia:
 - a) A edição de obras inéditas, escritas ou traduzidas em português, com relevância cultural nos vários campos do conhecimento, susceptíveis de serem apreciadas pelo leitor e que preencham os seguintes requisitos: originalidade, correção, coerência e criatividade;
 - b) A reedição de obras de qualquer gênero da criação artística ou área do conhecimento científico, consideradas fundamentais para o patrimônio cultural;
 - c) O Conselho não acolhe teses ou dissertações sem as modificações necessárias à edição que contemple a ampliação do universo de leitores, visando a democratização do conhecimento.
- II** Atendidos tais critérios, o Conselho emitirá parecer sobre o projeto analisado, que será comunicado ao proponente, cabendo à diretoria da Cepe decidir sobre a publicação.
- III** Os textos devem ser entregues em quatro vias, em papel A4, conforme a nova ortografia, em fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaço de uma linha e meia, sem rasuras e contendo, quando for o caso, índices e bibliografias apresentados conforme as normas técnicas em vigor.
- IV** Serão rejeitados originais que atentem contra a Declaração dos Direitos Humanos e fomentem a violência e as diversas formas de preconceito.
- V** Os originais devem ser encaminhados à Presidência da Cepe, para o endereço indicado a seguir, sob-registro de correio ou protocolo, acompanhados de correspondência do autor, na qual informará seu currículo resumido e endereço para contato.
- VI** Os originais apresentados para análise não serão devolvidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Presidência (originais para análise)
Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro
CEP 50100-140
Recife – Pernambuco



CAPA



Espelhos, labirintos e bibliotecas apócrifas

Como escapar dos mitos e repetições que Jorge Luis Borges nos lançou?

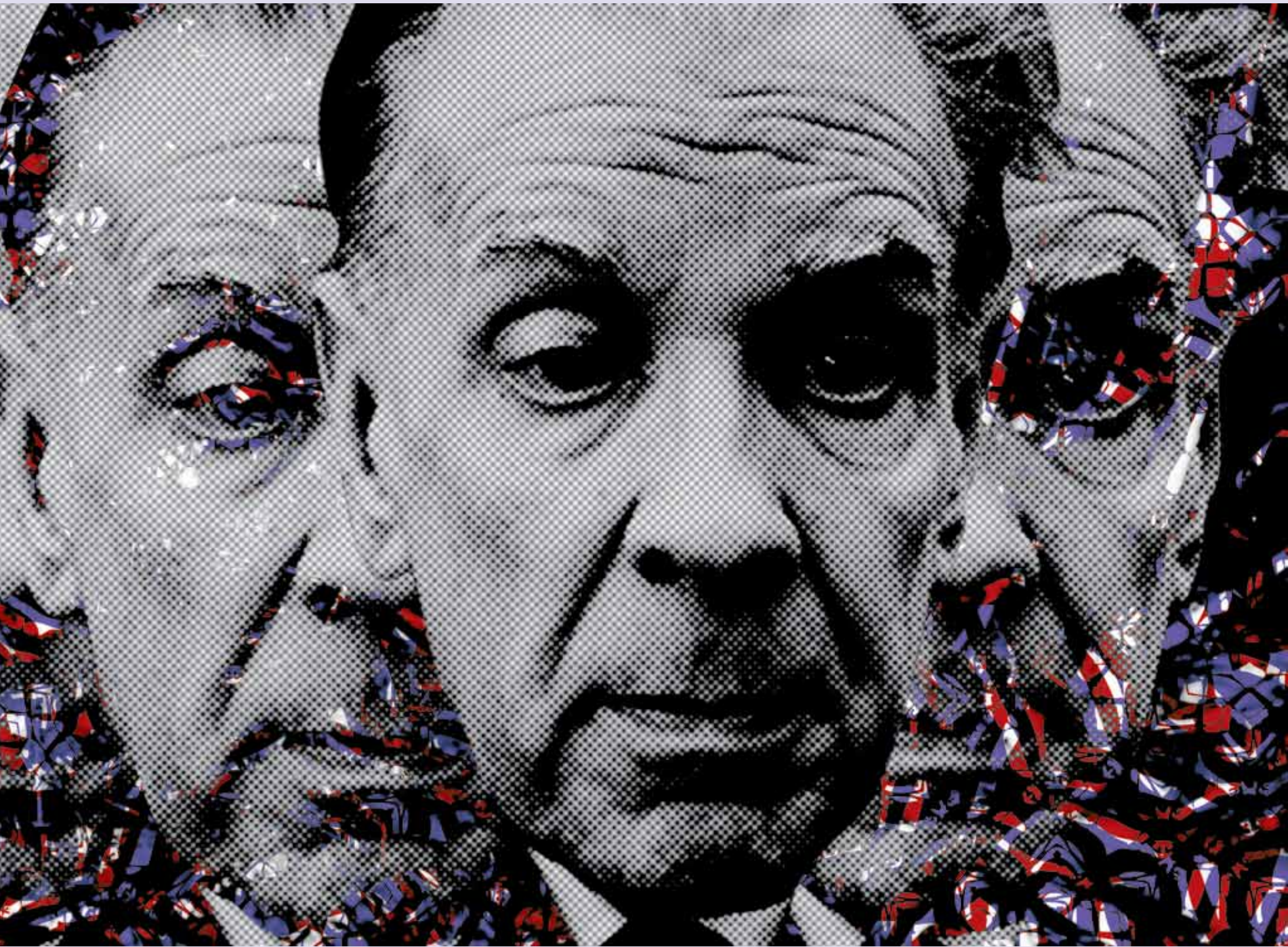
Alfredo Cordiviola

Uma biografia de Borges acaba de ser editada em português; não é a primeira, e certamente não haverá de ser a última. Trata-se de *Borges, uma vida*, de Edwin Williamson (Cia. das Letras, R\$ 68), publicada originalmente em inglês em 2005. A obra pode ser útil, mas não se caracteriza por apresentar grandes novidades nem por introduzir novas perspectivas sobre a vida ou sobre a produção do autor argentino. Williamson escreve um trabalho sério, documentado, fornece um amplo panorama do contexto político argentino, que pode ser valioso para leitores não familiarizados com o assunto, mas entre suas virtudes não figura essa constante necessidade de interpretar os textos borgeanos a partir de eventos biográficos, traumas e invocações psicológicas de todo tipo. A biografia, entretanto, pode ser interessante não por desvendar algum hipotético segredo ou por oferecer alguma impensada chave interpretativa, mas porque impõe uma reflexão acerca do lugar que ocupa Borges no imaginário global das letras da atualidade. Toda vez que surge um novo ensaio, uma tese ou uma proposta de trabalho sobre

Borges, essa reflexão tende a se atualizar. Se nem toda contribuição é capaz de redefinir as percepções sobre o fenômeno Borges, pelo menos ajudam a pensar nos motivos que despertam o interesse e confirmam a vigência das suas ficções, enquanto instauram pelo menos duas interrogações sempre pertinentes: por que se escreve hoje sobre Borges? Para que se escreve hoje sobre Borges?

Escrever uma biografia de Borges pode ser uma aventura temerária. Esse adjetivo, *temerária*, não alude aqui ao culto da coragem nem à ousadia intelectual; é na verdade uma forma de expressar certa desconfiança. O próprio Borges disse e escreveu muitas vezes, com irônica condescendência, que sua vida não se distinguiu pela profusão de acontecimentos memoráveis, desses que excitam a curiosidade dos leitores e garantem uma definitiva densidade novelesca aos anos vividos. Amores, desventuras, contradições, dramatismos, que em outros autores argentinos tão diversos entre si como um Sarmiento, uma Victoria Ocampo ou um Rodolfo Walsh são

HALLINA BELTRÃO



cruciais para entender a trajetória pública e as opções literárias de um escritor, parecem sempre menores, algo irrelevantes, no caso de Borges. “Vida y muerte le han faltado a mi vida”, escreveu alguma vez, sem jactância nem melancolia (ou com melancólica jactância), embora a sentença também possa ser entendida como uma impostação. Contudo, não é essa imaginada ou verídica falta de episódios singulares a que permite duvidar hoje da pertinência de uma biografia de Borges. Afinal, toda vida pode e merece ser narrada, e mais ainda em se tratando de um autor tão influente e perdurável nas letras atuais. O problema é outro. Falar de um autor consagrado e universalmente ungido como Borges supõe já enfrentar uma séria dificuldade inicial. Pois, o que dizer de Borges que já não tenha sido dito? Como fazer para não cair nas armadilhas da repetição e do lugar-comum? Como evitar a multiplicação de mais uma glosa dessas imagens, auras e afirmações já solidificadas pela tradição e pela crítica?

Tais ressalvas, contudo, poderiam ser também facilmente refutadas. Afinal, se Borges é um clássico, essa incerta categoria que, segundo o autor de *El Aleph*, permite às gerações dos homens ler um livro com prévio fervor e misteriosa lealdade, e se os clássicos são aqueles que de alguma forma impõem, na crítica e no mercado, a necessidade de continuar escrevendo, por que não redigir então mais um ensaio, mais uma interpretação, mais uma biografia? Se Borges é referência inconteste na literatura de hoje, algo diferente sempre poderá ser acrescentado, algo que permita prosseguir multiplicando esse mito feito de labirintos, metafísicas apócrifas e bibliotecas infinitas. Afinal, escrever sobre Borges hoje supõe referir constantemente as interpretações que se sedimentaram até formar parte do mesmo universo ao qual pertencem seus contos, ensaios, poemas e até as vicissitudes da sua vida privada. Escrever sobre Borges é escrever em círculos; é invocar esses muitos

Borges, lembrar permanentemente as citações que flutuam por esse universo borgiano que se confunde com o próprio universo de toda a literatura.

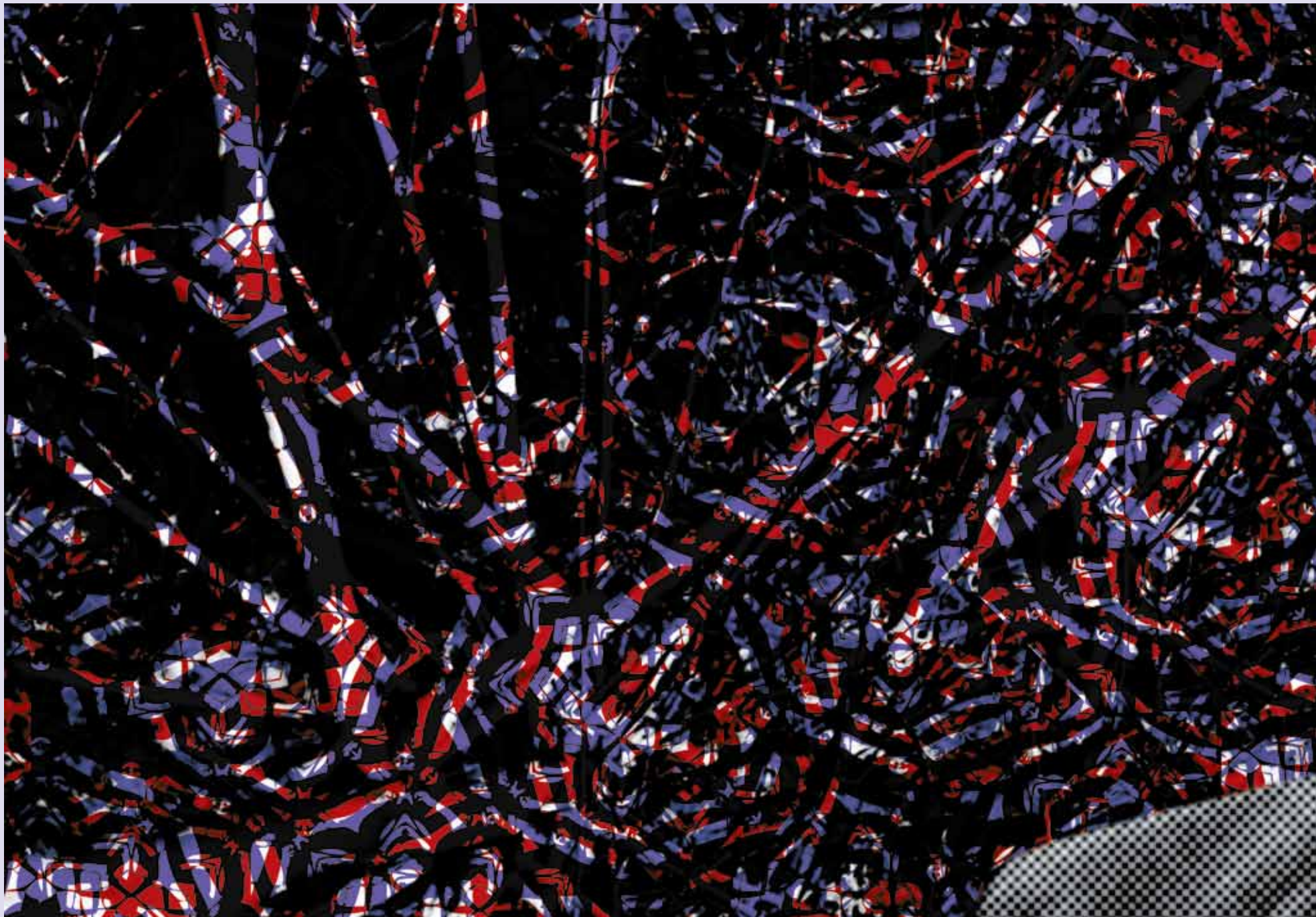
Existem muitos autores consagrados, e os cânones garantem a vigência de dezenas de nomes próprios. Poucos, entretanto, gozam do tipo de reputação que Borges lenta e constantemente foi acumulando pelo menos desde os anos 1960. Na América Latina do século 20, uma região e um tempo marcados por um extenso e heterogêneo número de autores notáveis – nem mesmo aqueles que representam a figura um pouco anacrônica do “grande escritor” – como, por exemplo, Carlos Fuentes, Neruda ou Julio Cortázar – são motivos de tamanha unanimidade. Nem sequer aqueles legitimados pelo Nobel como Octavio Paz ou García Márquez (ou, menos ainda, o controvertido Vargas Llosa) ocupam a mesma posição de Borges. Arguedas, Roa Bastos, Rulfo, Arlt, Lezama Lima, Onetti, Asturias, Guimarães Rosa, Carpentier, Felisberto Hernández, Puig são, entre muitos outros, autores fundamentais e inevitáveis dentro do sistema literário, mas, mesmo assim, não geraram tanta repercussão quanto Borges. Bolaño é observado com grande fervor pela crítica atual, mas não sabemos como será lido daqui a 20 anos. Obviamente, não se trata aqui de afirmar que um autor é “melhor” ou “mais famoso” do que outro, mas de registrar os modos de disseminação, misteriosos e firmes, desse nome, *Borges*, dentro das órbitas da literatura contemporânea.

Na literatura argentina, em particular, Borges é o grande acontecimento do século 20, ou quiçá de toda a literatura nacional escrita desde a independência. Como Beatriz Sarlo lembrou em mais de uma ocasião, assim como o peronismo é o grande evento da política, o marco indispensável para entender a história argentina das últimas seis décadas, Borges é o marco obrigatório da literatura argentina, a peça insubstituível em torno da qual funciona a máquina literária. É evidente que Borges nem sempre ocupou esse lugar,

que foi se consolidando, como em todos os casos, ao longo do tempo. Após seu retorno da Espanha, em 1921, em plena eclosão das vanguardas, haverá de publicar seu primeiro livro, os poemas de *Fervor de Buenos Aires*, em 1923, enquanto participava ativamente nos debates e nas revistas que proliferavam no campo intelectual de uma cidade exemplarmente cosmopolita e periférica. Na década seguinte, surgem notórias experiências em prosa (a biografia de Evaristo Carriego (1930), os ensaios de *Discussão* (1932), a ficção burlesca *História universal da infâmia* (1935)), mas é nos quarenta, a década de *Ficções* (1944) e *El Aleph* (1949) quando Borges começa a ganhar outro tipo de reconhecimento.

Na década da definitiva irrupção desse peronismo sempre desprezado e combatido por Borges, na década de uma Europa marcada pelo fascismo e pela guerra, o prestígio do autor vai ganhando uma proporção que tenderá a se consolidar em dimensão planetária ao longo dos 30 anos seguintes. Um dos fatores que contribui nessa consolidação é sua constante participação na revista *Sur*, fundada em 1931 por Victoria Ocampo. A revista, que teve um lugar proeminente no cenário cultural latino-americano, congregava algumas das personalidades literárias mais interessantes da época. Adolfo Bioy Casares, Silvina Ocampo, José Bianco, Ezequiel Martínez Estrada, Amado Alonso, Eduardo Mallea eram, entre muitos outros, presenças habituais nessas páginas, que divulgavam a literatura que estava sendo produzida nesse momento pelos autores locais (muitos dos contos, poemas, resenhas e ensaios de Borges apareceram na revista antes de ser incluídos em volumes individuais), traduzia a produção de autores europeus relevantes e servia como permanente tribuna de debates políticos e literários. Em 1942, quando Borges não recebe o esperado Prêmio Nacional de Literatura, ao qual concorria com *El jardín de senderos que se bifurcan*, *Sur* prepara um desagravo; em julho desse ano (o mês em que morre Roberto Arlt),

CAPA



o número 94 da revista reúne uma série de depoimentos que enfatizam a singularidade de Borges e exaltam a sua figura. Escrito com urgência, a modo de protesto, o volume não pretende oferecer estudos aprofundados da obra, mas servir como homenagem e como cerimônia de legitimação que já em si revela a preponderância que a literatura de Borges tinha no campo intelectual dessa época. E mesmo que nem todos os comentários fossem igualmente laudatórios (o de Ernesto Sábato, por exemplo, não omite alguma ironia), o fato de organizar um número especial de desagravo por um prêmio não recebido indica que Borges era percebido, já nos anos 1940, sob o prisma da excepcionalidade. A afirmação de um dos colaboradores, Bernardo Canal-Feijóo, resume assim essa percepção: “a sua obra sempre me pareceu da categoria dessas que tornam óbvias de antemão as consagrações magistrais, porque trazem consigo um próprio magistério”.

Contudo, apesar das efusivas apologias dos membros da revista *Sur*, e dos explícitos reconhecimentos dos seus leitores, a figura e a obra de Borges não estavam livres de controvérsia. Durante muito tempo, já desde os anos 1930 e até pelo menos os anos 1970, Borges era criticado por seu aparente hermetismo, por seus barroquismos, por ser “pouco argentino” e estar mais influenciado por suas leituras inglesas do que pela realidade que o circundava, e por suas posições políticas elitistas e conservadoras. Mas essa reprovação era também sintoma da dimensão que o autor ocupava com força cada vez maior no sistema das letras vernáculas. Relegado pela cultura oficial durante os anos do peronismo, a partir do golpe militar de 1955, que derroca o governo de Perón, passa a receber emblemáticas honrarias e cargos, como o de diretor da Biblioteca Nacional, professor de literatura inglesa na Universidade de Buenos Aires, membro pleno da Academia Argentina de Letras e o Prêmio Nacional de Literatura. Borges costumava se definir como um libertário ou uma espécie de anarquista. Para seus detratores, era, como grande parte

do grupo *Sur*, um autor que defendia os interesses da classe dominante. O próprio Borges, com beligerante humorismo, favorecia esse lugar-comum, multiplicando frases de efeito que nem sempre deveriam ter sido tomadas ao pé da letra (“espero que me perdoem por acrescentar que desacredito na democracia, este curioso abuso da estatística”; “afilie-me ao Partido Conservador, o que é uma forma de ceticismo”) ou adotando atitudes destinadas a figurar na história da infâmia, como, durante a trágica década de 1970 das ditaduras militares e das desapareições massivas, sua visita ao Chile de Pinochet e seu iníquo apoio ao governo de Videla.

No período que separa os anos 1950 dos 1970 (marcado pela proscrição do peronismo e por contínuos golpes militares), essa discussão, focalizada nas repercussões da figura pública do autor, se torna mais acirrada, e opera como um grande divisor dentro do campo intelectual. Paralelamente, sua obra se torna cada vez mais conhecida no exterior, iniciando um percurso de universalização que continua se expandindo até hoje. Referência – como espelho invertido ou como inventor de mundos – para os autores do chamado boom latino-americano, seus textos são também traduzidos nas mais diversas línguas; é cada vez mais lido e mais admirado. Na literatura de língua inglesa, Borges é aclamado por autores tão influentes como John Updike, Nabokov, Paul Auster, Susan Sontag, Thomas Pynchon, Paul de Man ou Harold Bloom. Na França, é condecorado como Comendador da Ordem das Letras e das Artes, Blanchot, Deleuze, Genette e Ranciere escrevem sobre ele, Foucault se inspira na enciclopédia chinesa de *O idioma analítico de John Wilkins* para reformular a relação entre as palavras e as coisas; mais tarde, Baudrillard adverte no mapa do império de “Sobre o rigor da ciência” o reino do simulacro. Borges recebe prêmios internacionais prestigiosos como, entre tantos outros, o Formentor e o Cervantes (“una generosa equivocação, que aceito com impudicícia”). Vários filmes são feitos a partir dos seus contos. É laureado em várias univer-

sidades, viaja regularmente, e se transforma em um conferencista profissional. Continuará publicando e dando infinitas entrevistas até a sua morte. Para morrer, escolhe um exílio, e empreende com Maria Kodama a longa e última viagem rumo a Genebra, onde falece em 1986.

Borges é hoje uma atração turística na cidade de Buenos Aires; é também uma espécie de mito, uma sintaxe, uma forma de adjetivar, um repertório formulado a partir de um arrabalde sul-americano, um autor para todas as bibliotecas do mundo. A morte, o tempo e a multiplicação de perspectivas foram diluindo, sem anulá-los, os dilemas que surgiam dessa dupla face do Borges reacionário em política e revolucionário em literatura. Outras leituras souberam colocar muitas aspas nesses dois adjetivos. Autores que manifestam a centralidade de Borges nas suas próprias obras, como Ricardo Piglia, Silviano Santiago, Beatriz Sarlo e Alan Pauls (por citar, como sempre, apenas alguns) leram as relações entre literatura e política a partir dos mecanismos que confluem na escrita, ampliando, a partir de Borges, as significações da escrita política e da política da escrita. No pensamento contemporâneo, a multiplicação da presença de Borges é evidente na prática teórica e ficcional. Partindo de Borges e retornando a ele, novas interpretações permitem repensar a condição das literaturas nacionais, as funções da leitura, a noção do real, os usos da citação e do arquivo, a relação entre literaturas consagradas e periféricas, as transfigurações do cosmopolitismo e do americanismo, os vínculos do texto com o passado e a história, as combinatórias possíveis entre as diversas tradições, as promessas da heterotopia. As opções poderiam se multiplicar, e provavelmente haverão de se multiplicar, à medida que futuros leitores de Borges atendam os ecos desse nome e se permitam incorrer em novas repetições, em novas diferenças.

Alfredo Cordiviola é professor titular do Departamento de Letras da UFPE.

HALLINA BELTRÃO



A salvação pela estética é a saída possível

Escritora lembra seus primeiros contatos com a literatura de Borges no Recife

Lucila Nogueira

Era um Recife ensolarado, aquele em que nos encontrávamos, em uma livraria da Rua da Imperatriz nas manhãs de sábado. Era um andar pelas ruas como quem estava em casa e as estantes de livros o labirinto escolhido para descobrir esse espelho que nos devolve a face. Era o final dos anos 1960 e a juventude descobria autores que se tornavam companhias e assunto obrigatório nas conversas fora da sala de aula. Poderia dizer que um deles era Herman Hesse, com seus famosos *Sidharta*, *Demian*, *O lobo da estepe*, e os demais que colecionávamos avidamente, enquanto suas idéias iam formando parte da nossa visão do mundo. Havia também uma procura pelos livros de Camus: *O estrangeiro*, *O homem revoltado*, *O mito de Sísifo*, estes de um viés mais existencialista, em que não se esquecia jamais a atmosfera de absurdo.

Eu me lembro, *Amarcord*, eu me lembro, quando pela primeira vez li um livro de Borges publicado no Brasil. O nome era *Elogio da sombra e perfis*, a que se sucedeu *Nova antologia pessoal*, este último editado em 1969 pela conhecida Editora Sabiá do Rio de Janeiro, com tradução da filha de Drummond, Maria Julieta Graña e de Marly de Oliveira. Até hoje, quando toco nos livros, mergulho novamente naquela estranha atmosfera que passou a me acompanhar durante um longo período. Eram anos de ferro. Tanques cercavam a Faculdade de Direito do Recife, como a mostrar uma possível inutilidade daqueles cinco anos do curso de Direito a que me dedicava, atropelada que fora a Constituição por um Ato Institucional a repercutir demasiado na sociedade brasileira. Do ponto de vista pessoal, a primeira desilusão amorosa já me ensinara a precariedade das relações humanas e a incerteza dos afetos em meio ao vazio e à tristeza dos desencontros possíveis. Aprendi que o amor era um jogo, que a lei precisava da força e esse mundo que surgia, de tão desagradável, haveria de levar-me ao refúgio da poesia.

Seus poemas provavam que a salvação pela estética era universal e historicamente possível. Nessa época, eu escrevia poesia eventualmente, passada a

adolescência e toda a sua euforia. Havia um deserto em torno do Rio Capibaribe por onde eu caminhava dentro da minha burka, da minha redoma de vidro. Um deserto sem sombra que avermelhava a minha pele e dilatava as minhas pupilas. Sou estrangeira, pensava assim como Camus, sou inadaptável a este calor a esse caráter de insegurança com que caminhava na superfície.

Mas, de repente, o que me acontecia era o insight, uma revelação, uma epifania. O autor argentino me envolvia e me levava para um outro plano, em que as imagens eram soberanas e nada me ameaçava, em minha visão do mundo cristalino. Era uma poesia que falava de sonhos e que relia os livros, era um mundo intacto da banalidade cotidiana e ler Jorge Luis Borges me fazia sentir segura de que a minha vida não era um equívoco.

Também eu vivia dentro de um labirinto, também eu atravessava o horizonte de olhos aflitos, excessiva visão encadeada, vontade visionária de desrespeitar pesos e medidas, criando por um método extraordinário a mais presente de todas as companhias.

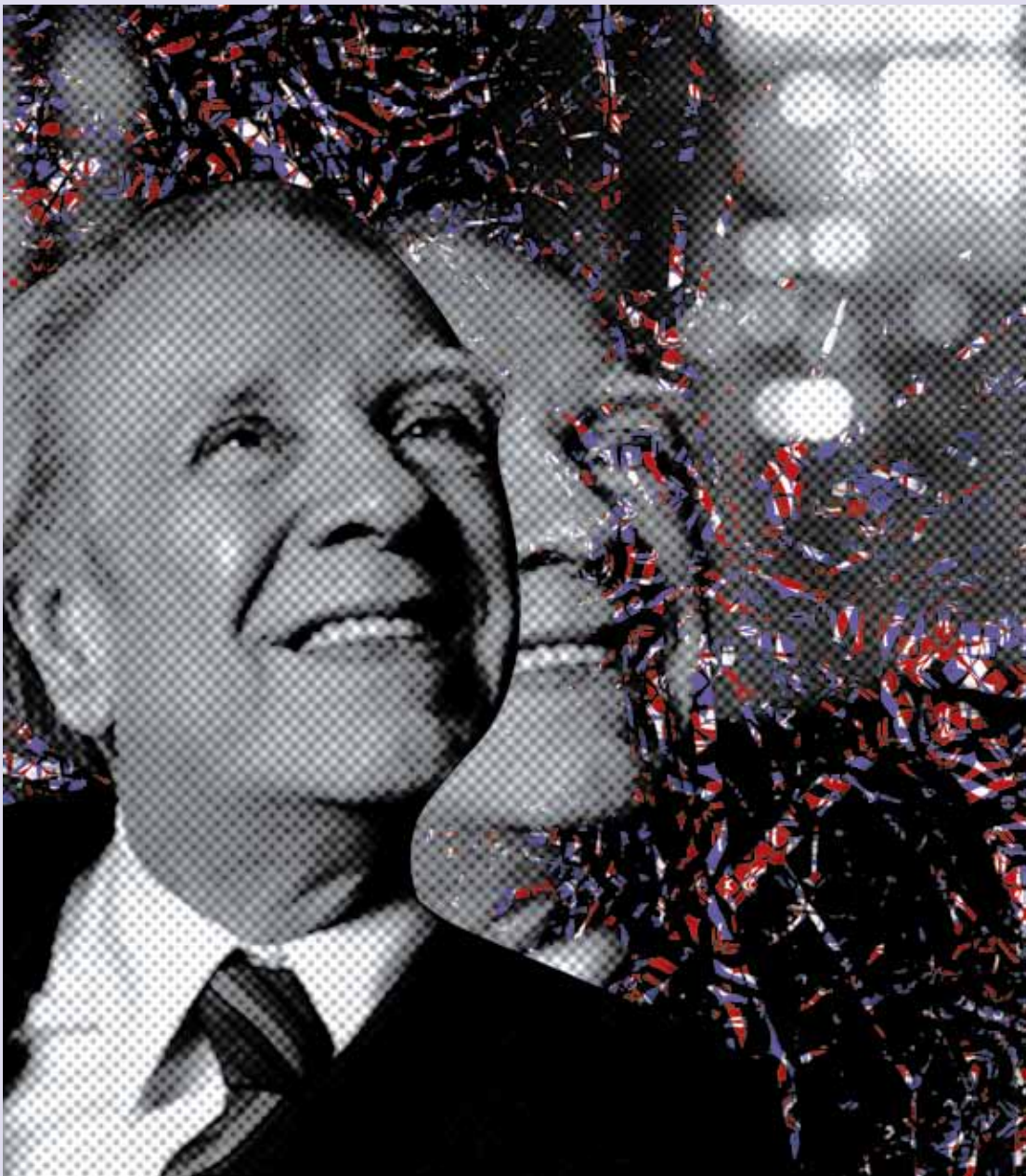
Havia tanto nessa ficção como nessa poesia algo que, no mundo adulto, habitualmente, exige que todos renunciem: o encantamento, o sonho, a magia. Naquela época eu respeitava desmesuradamente a página impressa, e não anotava nada em suas margens; em proporção contrária, prisioneira de Borges, eu o lia e relia, amarelando as páginas com tom cor de fogo da cidade do Recife.

Marcada pelo hibridismo, produto de uma educação portuguesa/carioca/nordestina, identificava-me com Jorge Luis Borges em sua busca de identidade, em seu desconhecimento de si mesmo, em sua ânsia de adaptar-se à cultura da sua terra de nascimento, descendente direto que era de europeus, de um lado, ingleses e, de outro portugueses.

A ascendência portuguesa marca a poesia de Borges com uma nostalgia inconsciente, característica da noção de fado, de destino. As vezes em que estive no Brasil, fez questão de referir-se a essa condição

CAPA

HALLINA BELTRÃO



de portador de sangue lusitano, por exemplo, em entrevista a Renato Modernell, para a revista *Status*, em agosto de 1934, convidado que fora a vir ao Brasil por Jorge Schwartz.

“Meus dois sobrenomes são portugueses, Borges e Acevedo. Acevedo creio que é judeu-português, assim me disseram. Borges, não. É um sobrenome muito comum em Lisboa. Meu bisavô era um capitão português que se chamava Borges de Moncorvo, que é um pequeno povoado de Trás-os-Montes, perto da fronteira com a Espanha, e creio que este ano vou ser convidado para visitar esse lugar que foi dos meus tataravôs. Estive cerca de um mês em Lisboa, onde me tornei amigo de um escritor chamado João Antônio Ferro. Eu falava em castelhano e ele me respondia em português. Muito lentamente nos entendíamos. Afinal, os dois idiomas são tão parecidos, nem sei se valeria a pena estudar o outro.”

Borges, a julgar por sua bibliografia em periódicos, haveria de estar presente em Portugal com sua obra e Joaquim Montezuma de Carvalho chegaria a destacar a relação de seu conto *Aleph* com o canto décimo de *Os Lusíadas*.

Compreendi, então, que a literatura era um sonho, embora um sonho dirigido. Era um código especial em que pessoas de várias culturas rapidamente se reconheciam. Percebi que não havia tanta distância entre a ficção e a voz lírica, que o segredo era a maior qualidade, guardado na metáfora transparente e concisa.

Compreendi que éramos todos forasteiros, prisioneiros da imaginação e da memória, caminhando pelas ruas ignorantes dos mandados do destino. Peças de um tabuleiro adiando a morte como no filme de Bergman, *O sétimo selo*, banhando-se no rio de Heráclito, sem perceber a mudança da água no caminho infinito.

Não era todo mundo que compactuava com minha preferência pelo autor argentino. Quando fui a Buenos Aires pela primeira vez, em 1976, o seu rosto estava em todas as bancas de revistas, em uma bela edição de sua obra reunida. Impressionante esse poder da literatura de nos levar a fazer conexões que se tornam inesquecíveis em nossas vidas.

Era um ídolo em Buenos Aires aquele que, com relação ao Nobel, sempre fora preterido, embora hou-

vesse de ganhar vários prêmios ao longo de sua vida. Através de Borges tudo adquiriria um novo colorido, um mistério passava a ser próximo e possível. Podia caminhar, à maneira de Pixote, vivendo minha própria alegoria, sustentando contra o sol meu espelho de enigmas. Havia lugar para o fantástico, o conhecimento onírico, havia uma luz no fim do túnel, havia um norte magnético, um quadrante, uma bússola repentina.

Nunca mais fui a mesma. Voltei ao Brasil com duas malas de livros. Sim, porque a partir de Borges fui descobrindo outros autores latino-americanos que me falavam uma linguagem mais consentânea com o meu padrão de sensibilidade lírica. Algo menos prosaico e menos prolixo, com densidade imagética e metafísica. Mais do que oralidade, um jardim secreto, em uma casa estranha, a estrutura de parábola já encontrada em Kafka, que Borges, por sinal, traduzira; um escândalo com gosto de assombro a conjugar visível com o invisível, um gosto de fábula de derivação romântica, desde Roffmann a Hawthorne. Vidas de imaginação, caminhando no fio do fantástico, literatura de sonho mais capaz de inventar do que de observar, de transgredir do que de repetir, herdeiro de um certo esteticismo simbolista ao modo de Oscar Wilde e do mundo de espanto de William Blake, além das formas de horror de Poe e Baudelaire.

O poeta como alguém que vê o desconhecido como num espelho de enigmas, mas que logo o verá frente a frente, como nas palavras de São Paulo: agora conheço apenas em parte, mas então conhecerei como sou conhecido. Jorge Luis Borges consegue chamar a atenção do leitor e dar-lhe consciência de que as coisas podem ser o avesso delas mesmo, que nós as vemos ao contrário, e nesse ponto ele é fiel à vanguarda ultraista por onde começou e mantém-se no terreno do gênero alegórico, desprezando as evidências repetitivas de um certo ramo experimentalista de seu tempo.

A metafísica presente no texto de Borges reveste-se de uma dignidade existencial, o intertextualismo que nela encontramos fortalece o argumento de que todos os livros podem ser apenas um mesmo livro e que, além do acaso e da morte, o passado guarda o futuro entre pátios e jardins.

No que concerne ao nosso país, desde o início de sua atividade literária fora celebrado por Mário de

Sua estratégia narrativa possibilita a figuração do maravilhoso, do fantástico, sem quebrar a realidade

Andrade, Murilo Mendes, Otto Maria Carpeaux, Alexandre Eulálio, Fausto Cunha, Augusto Meyer, Paulo Ronai, Guilhermino César, Lya Luft, para mencionar apenas os primeiros a que se seguiu toda uma fortuna crítica recentemente mencionada em livro por Jorge Schwartz, que conseguiu reunir esses primeiros textos originais que atestam a boa recepção que teve o autor argentino no Brasil.

A sua poesia se constitui desde o surgimento no Brasil em uma resistência ao império, quer do racionalismo, quer do realismo, que tem direcionado algum segmento de nossa produção literária, reatando a arte poética ao clima encantatório e mágico de seu início, demonstrando como se ficcionaliza o discurso ensaístico contemporâneo, transitando entre o conto e a crítica e incluindo em seus livros poemas líricos, o que leva à realização de uma fusão de gêneros na qual existe uma noção de autobiografia ligada, ainda que de modo dissimulado, à busca do autoconhecimento. Sua estratégia narrativa, a exemplo de Cervantes possibilita a figuração do maravilhoso, do sobrenatural sem quebrar a realidade, que se submete a essa arte de talismã e sortilégio, e que é precursora da atual literatura chamada pós-moderna.

Como lembra Ricardo Piglia, a arte de narrar consiste em pressentir o inesperado; cenas ficcionais retornam à mente do leitor como lembranças pessoais; a estrutura onírica e caleidoscópica de Borges nos projeta na revelação de um segredo cuja arte narrativa consistiu em ocultar. Isso porque, baseado no oxímoro e no desdobramento, Borges narra o final como se ele fora o presente, daí terem os seus contos a estrutura de um oráculo, pois a pessoa, até a conclusão, não compreende que a história é a sua e que seu destino é definido pela fatalidade: vidas possíveis, mundos paralelos, as histórias dos outros se tecem com a trama da nossa própria identidade, apesar de considerarmos ser a leitura o ato de construir, a partir de experiências estranhas, uma memória privada.

Seria possível reconhecer na obra de Borges, não apenas as pré-faladas marcas do expressionismo de Kafka, como a atmosfera surrealista que impregnou, no início do século 20 as chamadas vanguardas. Avesso a uma escola que não a dele próprio, o escritor argentino pretendeu distanciar-se do Ultraísmo, embora não tanto quanto desejara. De qualquer forma, é sua obra se move como que dentro de um sonho para o qual nos chama e seduz com seu canto, transformando aquilo que consideramos realidade em alvo insignificante. Surrealista ou não, importa transcrever, para meditação sobre o assunto, apenas um texto seu, narrativo, que nos deixa estremecer sob a impressão característica de seu universo inconfundível:

“Eu estava com um amigo, um amigo que desconheço: eu o via e ele estava muito mudado. Nunca tinha visto o rosto dele, mas sabia que seu rosto não podia ser aquele. Estava muito mudado, muito triste. Seu rosto estava marcado pela amargura, pela doença, talvez pela culpa. Tinha a mão direita dentro do paletó (isto é importante para o sonho). Eu não podia ver sua mão, que ele escondia do lado do coração. Então o abracei, senti que ele precisava de minha ajuda. ‘Mas, meu pobre Fulano, que aconteceu? Como você está mudado!’ ele me respondeu: ‘É sim, estou muito mudado’. Lentamente foi tirando a mão. Pude ver que era a garra de um pássaro.”

Lucila Nogueira é escritora.

CRÔNICA
Ana Braga

CHICO LUDERMIR, HALLINA BELTRÃO E RICARDO MOURA



Entra a cerveja, sai a verdade

Lembro bem. Era simples escolher uma cerveja nos anos 1990. Os botecos ao redor da universidade vendiam Brahma e Antártica. Kaiser, só em último caso. Mais do que isso, apenas em bares pingados, casas de importados e de amigos. Aliás, foi nessa época que conheci a mexicana Corona. E confesso que eu curtia mais a garrafa translúcida e o status da bandinha de limão do que o próprio líquido, que era do tipo pilsen leve e eu nem fazia ideia. Hoje, eu já não empunho uma long neck assim, desavisadamente. Bebo cerveja com tudo que ela tem dentro, seus humores, sabores e prazeres.

Quem, afora os egípcios que ganhavam barris de cerveja para construir pirâmides e os caras que fizeram a fusão da Brahma e da Antártica na Ambev, imaginou que a cerveja chegaria aos níveis de consumo e conhecimento de hoje? Já reparou nos maiores supermercados? Existem corredores inteiros dedicados à bebida. Às vezes, nem as adegas fazem páreo. E as gôndolas mais parecem o jogo War. Vê-se Alemanha, Bélgica, Holanda, Japão, Dinamarca, Inglaterra, Escócia, Irlanda, Itália, Estados Unidos, Argentina e México, só para citar algumas nacionalidades. E quando se vai aos rótulos, outro mundo se abre. Tem larger, dark larger, boc, ale, red ale, stout e suas inúmeras subcategorias e subtipos.

Estava eu outro dia no Mercado Público de São José, reduto da baixa boemia recifense e de algum

artesanato pernambucano. Fui atrás de uma rede de tear. Reparando de box em box, dei conta do sumiço de outro item tão ou mais popular. As garrafinhas de aguardente. Aquelas cujos nomes e rótulos mais parecem piadas de Juca Chaves e que a gente leva de souvenir aos amigos gringos. Encontrei apenas um e outro exemplar empoeirado. No mercado, ninguém sabia quando o fornecimento voltaria ao normal – se é que volta. Em tom saudosista, o último freguês que me atendeu chegou a dizer que a moda agora seria outra. Distraída com a pechincha da rede, sai dali sem perguntar qual nem por quê. Dias depois, Sandy com uma tulipa de Devassa na mão, num comercial de televisão. E eis que ocorreu uma hipótese: cervejas estão tomando o lugar até de aguardentes.

A cerveja tornou-se onipresente. E não dá mais para subjugar a bebida aos prazeres inferiores, digamos assim. De fazer inveja a muitos títulos da enologia, o livro *Cerveja & Filosofia* (Tinta Negra Editorial, 2010) promove um elogio à bebida, com uma coletânea de artigos que desce rondonda goela abaixo. Um deles me ajudou a entender, muitos anos depois, aquela bandinha de limão na Corona. Trata sobre cerveja, amizade e caráter. Sim, porque a bebida, além da estética, tem ética. Se você tiver 50 reais para gastar em cerveja, comprará uma caixa de cerveja realmente boa ou duas ou três

caixas de cerveja barata que não chega à metade do sabor? É uma escolha de Sofia. Sem exagero, a filosofia é tão parte da cerveja quanto a cevada.

Nietzsche considerava que a embriaguez da cerveja liberava o poder, a sensualidade e a criatividade – e ao que tudo indica, o deus grego Dionísio era o seu companheiro imaginário de manguaça filosófica nos pubs de Viena. É fato. A cerveja tem efeitos psicoativos e transforma a percepção de quem bebe. Dá-se um outro estado de consciência.

Charles Baudelaire escreveu, em *Paraísos artificiais*, que um homem que só bebe água tem um segredo a esconder de seus semelhantes. Talvez isso justifique as amizades de copo. Quantas nasceram ontem à noite, nas mesas de bares, pubs e lojas de conveniência do mundo? Plutarco – não dá para evitar os gregos, quando o assunto é “tomar uma” – dizia que a finalidade da bebida era alimentar e aumentar a amizade. Já abracei, beijei e conjuguei outros pretéritos – nem sempre perfeitos – depois de algumas tulipas. Já declarei amor eterno a um completo desconhecido e pedi paz para o mundo. Já chorei no Omar Khayyam, boteco do tempo da universidade, que homenageava o poeta pinguço. Enfim, já amarguei muitas ressacas de cerveja, até saber que, quando ela entra, a verdade sai.

SOBRE A AUTORA

Ana Braga é jornalista e também atua na área de publicidade

DEPOIMENTO

A “rede” que faz um livro “funcionar”

Finalista do Prêmio São Paulo de Literatura revela as agruras de um lançamento

Ronaldo Wrobel



facebook



Procurar

Lançamento de "Traduzindo Hannah"

Por [Ronaldo Wrobel \(Álbuns\)](#) Atualizado há ± 7 meses



Terça-feira, 23 de novembro de 2010, três da tarde no Rio. Eu tirava um cochilo antes do lançamento de *Traduzindo Hannah*, dali a quatro horas numa livraria da zona sul. Convites distribuídos, bufê contratado, livros estocados na loja: tudo pronto para o evento quando o telefone tocou. Achei que fosse mais um convidado a lamentar a virtual ausência por qualquer motivo: dor de coluna, aulas de mandarim às terças e quintas, viagem ao Cazaquistão. Tudo muito informativo – e desolador. A cada desculpa batia a impressão de que a noite seria um fracasso: meia dúzia de amigos piedosos mordiscando salgadinhos na livraria inóspita. No meu caso havia um agravante.

O Rio vivia um surto de violência depois que bandidos reagiram à ocupação policial de seus morros com a queima de carros e ônibus pela cidade. O auge da crise tinha acontecido dois dias antes, quando a bandidagem retalhou bairros de norte a sul com ameaças e atentados que proibiram muita gente de voltar para casa. Hotéis ficaram lotados de... cariocas! Dormiu-se em lojas e escritórios, casas de amigos etc. Corria na internet o papo de que a Rocinha ia invadir a zona sul a qualquer instante. Ninguém saía à noite (alguns, nem de dia). Marcado havia três meses, meu lançamento resolveu coincidir com aquele momento adorável.

Quando o telefone tocou, às três da tarde, me preparei para a mesma cantilena: “estarei contigo em pensamento, não faltarei ao próximo lançamento, vou comprar o livro amanhã mesmo” etc. Eu respondia com as cortesias de praxe. Fazer o que? Mandar uma van blindada buscar os convidados?

Atendi o telefone já resignado à sina: menos um no lançamento. Mas quem escutei não era convidado, parente, bandido. Uma moça da Editora Record, tão cordialmente quando possível, me dava a notícia que nem a mente mais perversa e criativa teria imaginado. Se acontecesse num filme, o público diria que é “coisa de cinema”. Mas não. Aquilo acontecia, sim – e acontecia comigo! Muito franca e objetiva, a moça

explicou que a livraria escolhida para o lançamento – repito: dali a quatro horas, convites distribuídos, bufê contratado –, a tal livraria tinha sido alagada pelo rompimento de um cano. Um curto-circuito completou o quadro, com princípio de incêndio e interdição geral da loja. Carros do corpo de bombeiros bloqueavam a rua, interrompendo o tráfego. Enfim, o caos. Lançamento cancelado.

Pausa. Já passei por experiências absurdas antes. Certa vez, sobrevoava a Patagônia argentina quando aquelas máscaras de oxigênio caíram e as aeromoças entraram em pânico. Em suma, acontecia a famigerada “despressurização da cabine” – senha mortal que a maioria dos passageiros finge ignorar nos anúncios de segurança. Não gritei nem vi desespero entre os passageiros. Estávamos em choque, eu aferrado à poltrona, olhando pela janela, tentando entender as coisas.

Talvez os pessimistas reagissem com mais propriedade, confirmando premonições ou entregues a vícios mórbidos. Eu não tinha a que me entregar, despreparado para o incidente que só acabaria uma hora depois, com um pouso de emergência em Buenos Aires.

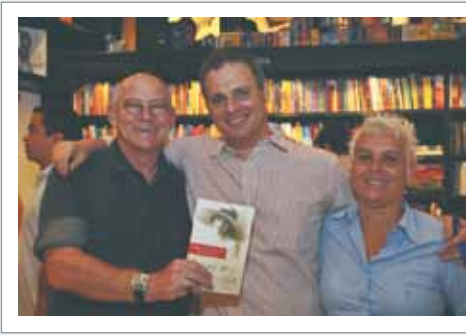
Não estou livre de pressentimentos, claro. Como a maioria das pessoas, tenho medo de más notícias. Sei precisamente quais são elas e já até ensaiei reações. Mas notícias tão absurdas como uma livraria alagada e incendiada na véspera de meu lançamento, francamente... Nunca fui doido o bastante para prever uma coisa dessas. Bem disse um amigo: até os paranóicos têm inimigos de verdade. E agora? Resumi a situação num conto: “Existem, em nossos caminhos, as coisas apropriadamente tristes ou felizes, belas ou feias, trágicas ou serenas. E mesmo as coisas apropriadamente impróprias. Existe, por outro lado, o incoerente, o descabido.” Como se reage ao descabido?

Autografar o livro na calçada foi minha primeira ideia. “Nem pensar”, descartou a moça da editora.

HALLINA BELTRÃO SOBRE FOTOS DE ACERVO PESSOAL



Página Inicial Perfil Conta



Dali a pouco foi conseguida outra loja da mesma cadeia de livrarias, perto da loja original. Seguiram-se quatro horas de correria. Mande centenas de emails, pendurado no telefone. Amigos imprimiram cartazes para afixá-los na vitrine da loja interdita. A editora transferiu o estoque de livros para o novo endereço e acionou o bufê enquanto uma rádio anunciava a mudança. Uma corrente solidária aflorou, todos se telefonando, se escrevendo, dando a notícia em blogs, *Facebook*, *Orkut* etc. Muitos me ligavam já cientes do imprevisto, oferecendo ajuda, arregaçando as mangas, tentando salvar minha agonizante noite de autógrafos.

Havia semanas que eu me dedicava àquele lançamento depois de sete anos escrevendo o livro e outros tantos procurando editora. A jornada épica tinha começado com uma ideia casual para um conto. Semanas depois, um amigo que lia o rascunho protestou: por que a pressa? “Vá com calma, isso dá um romance”. Será? Como quem não quer nada, aprofundei as pesquisas de época (*Traduzindo Hannah* se passa no Rio de Janeiro dos anos 30). Noites insones me lançaram ao desafio de transformar aquelas esqueléticas páginas num romance. Foram anos e anos, dias inteiros devotados ao desenvolvimento da narrativa, ao enriquecimento dos personagens, à criação de subtramas para alinhavar – e alavancar – a história.

Escrever ficção é interessante. Você fica viciado naquilo, divagando sobre detalhes, buscando novas soluções. Construir um mundo imaginário é desafiador porque não há limites formais para a criação. Sempre é possível melhorar. Quando um capítulo parece pronto, surge uma nova ideia que implode tudo (inclusive outros capítulos). Qualquer ajuste no texto exige atenção redobrada porque as palavras têm dons mediúnicos e se comunicam com parágrafos passados. Por exemplo: se você decide trocar a roupa de sua personagem na página 112 –

antes vermelha, agora azul –, vale conferir por que ela vestia vermelho.

Você ainda vai descobrir que, lá pela página 45, ela disse preferir cores quentes. Conselho aos escritores: tenham paciência e humildade, esqueçam o relógio, saibam recomeçar o que for preciso – e, principalmente, reconhecer essa necessidade. Não esperem aplausos pelo árduo trabalho tido naquele parágrafo particularmente rebuscado. Às vezes, o que mais exigiu esforço está uma droga e o melhor do texto saiu num sopro.

Traduzindo Hannah foi uma grande aventura, sem dúvida. Quando eu pensava ter terminado a história, um terremoto criativo destruiu seus pilares. A estabilidade só veio em 2008, quando pus o ponto final como quem chega ao cume do Everest. Agora faltava chegar à lua – ou seja, publicar o livro.

Eis uma fase ingrata: as coisas já não dependem de você (ou só de você). Ouve-se “não” de editoras, de agentes literários, de todo mundo. E os conselhos? Alguns são úteis (no todo ou em parte), outros camuflam maldades ou merecem o esquecimento. As frustrações vêm em ondas avassaladoras que afogam quem não persiste. Persisti, contando com o estímulo de amigos e, muito especialmente, de duas queridas literatas.

Editado o livro, abri um perfil no *Facebook* e *Twitter* para fazer a divulgação. Só no *Facebook* acabei conquistando 200 amigos, todos maravilhosos. Não os conheço, nem sei quem são, mas acompanho suas vidas com lupa para descobrir que passaram as férias em Amsterdam, que reencontraram amigos de infância, que comeram sushi no Leblon, que adoram cães e gatos, que detestam os políticos etc. Que coisa curiosa: ninguém tem unha encravada no *Facebook*! Meus 200 amigos estão fielmente retratados por Fernando Pessoa no belo *Poema em Linha Reta*.

Pois bem. Seis horas do dia 23 de novembro de 2010, era preciso ir para a (outra) livraria e encarar o lançamento. Chegando lá, poucos e precavidos convi-

dados me esperavam. Autografado o livro, deram no pé antes que a noite e a bandidagem entrassem em combustão. Outras pessoas – destemidas ou incautas – foram chegando aos poucos. Eu sorria, recitando o refrão aflito: muito obrigado, muito obrigado! Alguns tinham deparado com a primeira livraria interdita, a maioria foi avisada a tempo. Minha família e os mais íntimos animaram o salão, fazendo as honras da casa e distraíndo a pequena fila que ia se formando diante da mesa de autógrafos.

Abracei os queridos, matei saudades, sorri para o fotógrafo. Procurava ser ligeiro nas dedicatórias, sem invencionices para não atrasar a vida de quem conferia o relógio ou, simplesmente, cansava as pernas na fila que foi crescendo, crescendo... Lá pelas oito horas o burburinho aumentou: gargalhadas, fotografias, vinho branco, crianças bagunceiras. A moça da editora não escondia o entusiasmo. Então me dei conta: a noite era um sucesso! Livraria cheia, pessoas felizes, alvoroço. Apressadinhos já furavam a fila ou acenavam ao longe para mostrar presença. Havia gente do Rio inteiro: zonas sul, norte e oeste, subúrbios, até Niterói e Duque de Caxias. Meu Deus, que alegria! A coisa só terminou depois das onze. Hoje vejo as fotos e logo fico emocionado (estão disponíveis no *Facebook*). Quem, ali, teria desconfiado da minha insegurança? Quem diria que eu não passava de um pedinte? Que eu sorvia cada sorriso, cada afeto, cada abraço como se fossem únicos? E eram.

Hoje sou o feliz devedor dos amigos que lá estiveram. E o melhor: todos chegaram em casa sossegadamente. Se porventura alguém não chegou, se acabou dormindo fora ou coisa parecida, a culpa não foi minha. Nem dos bandidos.

Mas essa é outra história, quem sabe para o próximo livro?

Ronaldo Wrobel é autor de *Traduzindo Hannah*.

História, arquitetura, memórias e literatura em livros de qualidade



Assine.

Revista Continente.

Conteúdo é tudo.

0800 081 1201

e-mail: assinaturas@revistacontinente.com.br



EÇA DE QUEIROZ - AGITADOR NO BRASIL.
Paulo Cavalcanti
(edição em inglês e português)

Eça de Queiroz - agitador no Brasil, de Paulo Cavalcanti, é um livro que amplia a visão da última revolta em Goiânia, província de Pernambuco, Brasil, ao examinar a maneira como os pernambucanos reagiram contra o arbítrio e o domínio português.

R\$ 30,00



O GIRASSOL.
Garibaldi Otávio

Garibaldi Otávio estreia na literatura com o livro *O girassol*, coletânea de textos de toda uma vida. Mauro Mota observava, já em 1950, que a poesia de Garibaldi Otávio tem "a imagística sem parentesco, o descritivo mais penetrante, tirando sangue do íntimo das coisas".

R\$ 40,00



ESTÃO TODOS DORMINDO
Edson Nery da Fonseca

Estão todos dormindo é uma coletânea de perfis de personalidades marcantes da cultura brasileira, na qual Edson Nery da Fonseca mescla informações precisas, citações literárias e testemunho pessoal, numa prosa límpida, elegante e envolvente, que transforma o leitor em cúmplice do que narra.

R\$ 30,00



DE RUAS E INTI-NERÁRIOS
Alexandre Furtado

Alexandre Furtado revela que, apesar de jovem, cultivava grande nostalgia de um Recife que não chegou a conhecer, como a época dos bondes e trilhos, ou cujas referências de arquitetura e lugares que conheceu na adolescência, já se perderam.

R\$ 40,00



NAS SOLIDÕES VASTAS E ASSUSTADORAS
Kalina Vanderlei

A historiadora Kalina Vanderlei descreve como surgiu o Sertão, enquanto espaço sociocultural, enfatizando os personagens que participaram dessa conquista, pessoas pobres e eremitas recrutados pela Coroa portuguesa para combater os indígenas que habitavam a região.

R\$ 30,00



UM DIPLOMATA E POLÍTICO DO IMPÉRIO
Fernando da Cruz Gouvêa

Fernando da Cruz Gouvêa apresenta o conselheiro Sérgio Teixeira de Macedo, presidente da província de Pernambuco, que participou de episódios relevantes do Império, defendendo a liberdade de imprensa, os direitos dos cidadãos e o combate ao tráfico negro.

R\$ 30,00



NOS CAMINHOS DO FERRO
Paulo Souto Maior

Paulo Souto Maior destaca o uso do ferro fundido nas construções desde o século 19 e sua popularização após a Revolução Industrial. No Recife, elementos históricos e arquitetônicos identificam edifícios importantes, como o Mercado de São José e outros.

R\$ 58,00



JARDINS DO RECIFE
Aline de Figueirêa Silva

A arquiteta Aline de Figueirêa Silva detalha o surgimento do paisagismo no Brasil, a partir de Burle Marx, e aborda os jardins recifenses do ponto de vista do paisagismo, da arquitetura e do urbanismo, contextualizando-os política e socialmente.

R\$ 35,00



A INTOCÁVEL BELEZA DO FOGO
Geraldino Brasil

Poeta apaixonado pela poesia, humilde, raro e especial, Geraldino Brasil faleceu em 1996, deixando uma vasta produção inédita. Nesta obra, a Cepe Editora apresenta as novas gerações, publicando 90 poemas, parte dos quais escritos no formato de sextinas.

R\$ 35,00

LANÇAMENTOS RECENTES



ESCRITORES PERNAMBUCANOS DO SÉCULO XX

Lucília Gonçalves Ferreira

Apresenta um resumo da vida e obra de escritores fundamentais na formação da memória cultural do Pernambuco, dos mais conhecidos, como Frei Caneca, a outros quase ignorados, como Antônio Torres Bandeira, que escreveu poemas de inspiração religiosa e homenagem à vulvas heróicas.

R\$ 30,00 (cada)



POEMAS
Daniel Lima

Há meio século Daniel Lima produz uma poesia de qualidade singular, mas que, zelosamente subtrai ao olhar do grande público. Agora seus amigos venceram sua resistência em publicar e seu trabalho e juntaram quatro de seus livros inéditos neste magnífico volume.

R\$ 45,00

Cepe
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** | livros@cepe.com.br

INÉDITOS

Bruno Albertim

SOBRE O AUTOR

Bruno Albertim é jornalista e autor de *O Recife - Guia prático, histórico e sentimental da cozinha de tradição*

Um maracujá na gaveta

Carregava em si o mesmo cheiro amarelado. Odor fresco, inebriante, de fezes de gato recém-pisadas. O tampão de excrementos quase adormecidos re-virado, revelando bosta fresca, purulenta, vibrante como geleia. Era o cheiro dos velhos parentes: a infância vivida entre gatos.

A avó era obcecada pelos felinos domésticos. No velho casarão de faxina constante, interminável, havia dezenas. Uns cinza, outros amarelados – quase tão amarelos quanto as fezes depositadas entre as palmeiras anãs do quintal onde os meninos reproduziam personagens já proscritos da TV ou das revistas mofadas nas bancas no interior.

As fezes lhe traziam o tempo perdido. O avô à mesa, barba feita, cabelos tingidos, fio a fio, acaju escuro, antes do caldo da carne guisada ser vertida no prato fundo, vidro leitoso, para receber golpes de farinha grosseira antes de virar um pirão de última hora sorvido pontualmente às 12h15.

Por minutos, esquecia-se do exílio diário. Cólicas constantes, a coceirinha suave e meio irritante no ânus, o gosto metálico na boca. Vermes lhe comiam por dentro. Mas não tinha paciência alguma de vestir a cara com alguma dignidade para carregar um potinho com as fezes virgens da manhã até um laboratório de onde conseguiria um documento oficial informando que, sim, seu corpo era um condomínio de parasitas.

Sua disposição para a dignidade limitava-se a descer com o cachorro pelo elevador de serviço – o mesmo pelo qual o rapaz da quitanda subia com as frutas e verduras dos vizinhos. Inclusive os maracujás com os quais ele, finalmente, obtinha algum sono.

Quando menino, ia às procissões da cidade, inocência estampada nas roupas alvas, carregando velas amparadas pelas cascas secas de maracujá. Em casa, depois de ajudar o padre a guardar os ostensórios e cálices ao troco de um beijo perene na testa, tomava um suco bem-concentrado de maracujá. A avó sabia. O líquido lhe ajudava a perder as vontades. A não querer descer a rua até a praia onde as moças das ruas de trás abriam as pernas para barbudos de bigodes ostensivos dentro de fuscas cor de caramelo. Ou café com leite. Já nem existem mais fuscas dessa cor pelas ruas. Buscava uma caderneta antiga na gaveta dos paninhos de bandeja quando encontrou um maracujá enrugado. Grandes estrias na bola disforme. Fundas. Sulcadas. Rasgou a casca, atravessou sua pectina, a fita esbranquiçada, com um gesto. Teve um rápido prenúncio, um lampejo de ereção sob a calça cinza. Era o cheiro amarelado. O mais de dentro dos gatos. Nunca mais guardou maracujás na gaveta.

HALLINA BELTRÃO

INÉDITOS

Ronaldo Costa Fernandes

SOBRE O AUTOR

Ronaldo Costa Fernandes, ganhou vários prêmios, entre eles, o Casa de las Américas. Seu mais recente trabalho é o romance *Um homem é muito pouco*

A família dos órfãos

Ele se perguntava quanto sua caixa de choro podia suportar. Porque acreditava que a gente não produz lágrima ao infinito. O fígado tem um tamanho, o rim tem um tamanho, o órgão que jorra lágrima deve ter um número limitado de água salgada. O que podia chorar? Podia chorar um copo de lágrima? Podia chorar uma chaleira de água? E que tal um balde? Um balde deve ser demasiado. Por mais dor que se tenha ou mais capacidade tenha o nosso órgão que como o rim trabalha com a água, achava que um balde era exagero. Passava pela sua cabeça que podia perder líquido e ir mingando, quando viessem buscá-lo encontrariam um menino muito menor que ele cercado de água como guri mijão. Mas há também o choro sem lágrima que é choro para dentro. A gente fica encharcado de água e ninguém se dá conta.

Ele não conhecia o mundo, mas o mundo também não o conhecia. O mundo dele era muito reduzido, só as histórias tinham outro mundo maior. No mundo que ele conhecia nunca tinha visto um morto. Velório era uma palavra sussurrada e, como todas, as palavras sussurradas, uma palavra proibida. Então ele pensava que velório era uma reunião de mortos. Quando o levaram ao velório da mãe, muitos mortos vieram chorar em cima dele. Outros mortos o abraçavam. Existiam alguns mortos que diziam, mas tão criança ainda e tão órfão. O pai havia morrido de outra morte: nunca existira. O pai estava dentro dele como um espermatozoide, no resto o pai nasceu para ele morto. E a família da mãe morava no Rio de Janeiro. Ela tinha na sala um pôster do Pão de Açúcar, então ele achava que no Rio de Janeiro todo mundo morava no Pão de Açúcar. Não gostou do velório. Primeiro, porque a mãe era a única morta que não se movia, não chorava, não lhe dava pêsames e não lhe dizia coitado mas tão pequeno e tão órfão.

A mãe tinha a pobreza dentro dela. A mãe ficou órfã do marido logo no primeiro ano de sofrimento junto. Sofrer junto não é prova de amor, é prova de matemática. Um sofrimento mais um sofrimento igual a dois sofrimentos. A mãe foi parar no interior do sofrimento. O sofrimento tinha prefeito, ruas asfaltadas e duas mil almas. Ele ouvia falar

que uma cidade tinha duas mil almas e pensava que a cidade era um grande cemitério.

A mãe era pequena, mas a dor não se pergunta, para doer, se o corpo é pequeno ou grande. A dor tem seu tamanho independente do tamanho do corpo em que se hospeda. A professora se comprometeu com o prefeito de levá-lo para uma cidade com sete milhões de almas que era o Rio de Janeiro. Ela ia fazer um curso pela prefeitura e deixá-lo na casa de parentes, também pobres, também pequenos, também cheios de dores. Ela ia deixá-lo na casa dos parentes da mãe.

Ele só tinha viajado da casa dele até a escola. Agora a viagem para outra escola demorava dias. Os homens não deviam fazer viagens de dias. É sempre bom não sair de casa. A professora pegou a mão dele e ia levar a mão dele para dar para a outra mão.

A mãe tinha se perdido dela mesma. Essa é a pior maneira de se perder, porque não adianta que os outros nos encontrem. A mãe abandonou a família e foi viver o grande amor. Mas o grande amor, que seria o pai, não sabia que ele era o grande amor. O pai tocava flauta. Certa vez ele viu um sujeito tocando flauta na praça e ficou do lado dele. Foi a primeira vez que teve pai. Uma hora lá o flautista parou e perguntou: Quer um sanduíche? O pai nunca perguntou se ele queria um sanduíche porque o pai não tinha cara. E ninguém pode perguntar coisas para os outros se não tem cara.

Ninguém sabe se a flauta do pai morreu. Ninguém sabe o que foi feito da flauta do pai.

Teve medo foi dos corredores. E das muitas portas dos corredores. Atrás de cada porta tem uma história. A história dele, por exemplo, tinha uma porta. Os dois, a professora e o menino, já tinha batido em várias portas. Havia a porta do tio dele que morava na Rocinha e a professora não queria levá-lo lá. Havia a porta da Favela do Jacarezinho mas a professora não queria saber daquela porta para ele. Ela tinha em mente a porta da tia Paula que era uma porta de cabeça de porco. O edifício era uma cidade espichada. Uma meio favela espichada. Havia porta que estava aberta e via-se lá dentro uma pobreza de interior. Subiram várias escadas porque não havia elevador. Havia porta para o elevador, mas não havia elevador.

Ele não queria entrar naquela casa. A professora é que o botou lá dentro. A mulher disse que d. Paula não estava porque d. Paula era manicure e estava no trabalho. Ele não sabia a profissão da mãe. Ela tinha duas profissões. A primeira profissão da mãe era ser mãe dele. A segunda profissão da mãe era existir. A mãe não saía para o trabalho. Ela acordava e já estava de expediente. Não é fácil você ter a vida como profissão. Ele não sabia de que a mãe morreu. Ela foi ficando cada vez menor, foi perdendo a voz, perdeu o emprego da vida e quando um dia o menino acordou a mãe tinha se demitido da vida.

Ele tinha visto poucos rostos na minha vida. Entre a casa e a escola havia poucos rostos. Ele não imaginava que se podia ver tantos rostos num só dia. Já estava tonto de ver a cidade giratória, porque o Rio de Janeiro, de dentro de um ônibus, é uma cidade de parque de diversões. Ele não tinha entrado num ônibus. Tinha entrado num trem-fantasma ou num cinema. A janela do ônibus era uma telinha de televisão – a televisão mesmo ele nunca tinha visto ela antes, a televisão – e em vez de passar uma história passava era prédio, prédio, prédio e rosto rosto rosto.

Não tinha nenhum sentimento pela mulher. Nem ódio, nem simpatia. A mulher era um objeto a mais na casa. A única diferença é que o objeto respirava, andava, ofegava e olhava com os olhos miúdos de quem recua. A penumbra já é os óculos escuros da natureza, mas a professora não tivera os óculos escuros dela porque os óculos eram escuro mas eram de grau. Se ela clareasse as vistas, corria o perigo de ver embaçado. Então a dúvida dela era se via fora de foco ou se via tudo em preto e branco, mais para preto que para branco. Ele queria que professora fosse sua mãe. A pobreza da professora era instruída e ela sabia quais estados o rio São Francisco cortava. Uma mulher que sabe quais estados o rio São Francisco corre é uma mulher que não abandona criança nem passa fome na vida. Mas a professora não podia ficar com ele porque tinha uma cambada de filhos que necessitavam dos conhecimentos dela do rio São Francisco. E havia lei, e havia a família da mãe que, por ordem do juizado de menores, ele deveria ser entregue, no escuro, na penumbra, em preto e branco, uma família que não sabia por quais estados o rio São Francisco atravessava.

Ele tinha ficado imobilizado. Não conseguia pegar o copo d’água que ela trouxera da cozinha. O copo também estava quente. Pensou que todas as coisas no Rio fossem quentes. A cabeça das pessoas, as pernas das pessoas, as emoções das pessoas. A mãe tinha mais temperatura que as outras pessoas. No povoado em que moravam, de madrugada havia um vento peregrino e estrangeiro que passava desavisado pela cidade. Aquilo não deveria ser a rota daquele vento frio. A mãe dizia que era o demônio. A mãe achava

o demônio até mesmo dentro de um copo com água fria. Ele se perguntava como o demônio, que vinha dos infernos, podia ser frio. Imaginava um inferno polar, os mortos condenados não ao fogo eterno, mas ao frio eterno. Perdeu a sede? – a mulher perguntou. Tomou a água mais para que tudo fizesse sentido. Ele pedira água porque tinha sede, logo deveria tomar o copo d’água para matar a sede. Essa era a lógica do mundo e ele tinha que seguir a lógica do mundo. Não poderia beber água sem ter sede, segurar o copo sem ter pedido água, sentir calor e a boca seca e dizer que tinha sede. O mundo é feito de ações encadeadas e naquele momento as ações estavam difusas e desen-cadeadas como um trem que não pudesse, mesmo com trilho, fazer vagão puxar vagão.

Saíram dali mais perto do chão. Ele não tinha percebido que a gente cresce e diminui várias vezes durante o dia. Ao entrar na casa da mulher, tinha um tamanho; ao sair de lá, o chão estava tão perto que podia ver as imperfeições de todos os chãos. Nada mais descontínuo, diverso e imperfeito que o chão. Ele pensava que nasceu para viver no chão. Que sua vida sempre foi no chão e que não passaria do chão. Tinha mesmo a sensação de que o chão e ele eram aparentados e que só não poderia dizer que o chão o pariu porque conheceu a mãe que era outra espécie de chão. A professora apertava tanto sua mão que não percebia a manopla que lhe torcia os dedos. Não se importava de a professora apertar seus dedos porque todo o corpo estava apertado como se tivesse sido tomado por uma gigantesca e constritora manopla. Tudo lhe doía, todos os ossos doíam, porém o que mais o imprensava, constringia, triturava era o chão cheio de impurezas que atapetou definitivamente seus pensamentos.

A mulher disse que não era a mulher. Ela era outra mulher. Ela era apenas uma mulher de limpeza. Mesmo sendo criança, achou estranho alguém tão pobre ter alguém mais pobre para limpar a pobreza dela. A mulher via o mundo sujo. Tudo o que tinha diante dela era sujeira. O papel dela no mundo, desde que se entendia por gente, era limpar o mundo. E limpar o mundo não era fácil porque as pessoas nunca estavam contentes com o trabalho dela de limpar o mundo. Ela disse que a mulher sua tia não sabia quando voltaria. Como não sabia? Havia viajado a trabalho. A professora estranhou porque pobre não viaja a trabalho. Mas a mulher que limpava a casa da tia e limpava o mundo desde que se entendeu por gente – e gente pobre ainda por cima – disse que a tia trabalhava limpando trem. Ela limpava a casa de minha tia. Minha tia limpava o trem que os passageiros sujavam – e como sujavam. Mas ela não era manicure? Falta de trabalho. O mundo se dividia assim. Os que sujavam o mundo e os que limpavam o mundo. Na maioria das vezes os que sujavam o

mundo eram os mesmos que limpavam o mundo. Quantos anos alongaram sua cara, furaram o rosto, torceram o nariz, deram mais beijo ao beijo? A penumbra nunca o largou. Já nasceu com a penumbra. A pele mesmo é alvo da penumbra. Seus olhos só alcançam a penumbra. Agora ela está ali, frente à penumbra, para retornar de onde vieram. O tempo não conta por anos, mas por penumbras. A penumbra é uma espécie de sujeira do tempo que não se pode remover. Uma sujeira abjeta, feita da mesma matéria volátil que é o ar, embora possa aprisionar o ar e não aprisionar o tempo. Não o preocupa o tempo. Pensa nele como um homem acuado, que tem apenas seis balas para a sua arma. Nasceu apenas com seis balas, não sabe quantas deflagrou e quantas lhe restam. Mas não se ilude. Não passará da sua munição que trouxe ao mundo ao nascer. A vida é mais ou menos isso: um revólver inútil que ao fim ficará sem munição e só servirá para dar o tiro final que é a morte. Ela está lá, olhando pela janela, trinta anos depois da visita que fez a ela e ela negou ser ela. Nunca foi empregada de trem. Nunca foi empregada doméstica. Negou ser sua tia Paula. Eh, bem. Agora que ganhou a vida feito um cão – os cães morrem sem consciência de que vivem e de que morrem, mas como todo bicho tem a suspeita de sobreviver – agora ele poderia dizer que não morava ali, que trabalhava na Rede Ferroviária e que limpava os trens e que era apenas um empregado doméstico. Ele mesmo não sabia onde estava nem quando chegaria. Mas não. Acolheu quem não o acolheu. Cuidava de quem não o cuidou. Deu a última luz à última penumbra dela. Ela nem sabe que existe, como cão que só reconhece sua existência quando o coração dispara de medo.

É como se ele negasse que fosse o sobrinho dela. Ela agora não tinha mais família, porque os desmemoriados pertencem à linhagem dos mortos. O que nos faz vivos é a memória e sem ela somos corpos que qualquer um pode ser dono. Quem era dono dele era sua memória. A tia não sabia que a vida era uma espiral, não um círculo, mas algo que roda, roda e roda e nunca termina como se fosse uma água contínua a descer pelo ralo. A memória da tia era um ralo, não conseguia reter a água do passado. Não se lembrava que quem cuidava dela hoje foi quem ela negou. Hoje quem toma conta dela é um desconhecido. Um homem que não pertence à família dos mortos. Os mortos não têm parentes. Ou melhor, o único parente dos mortos são os mortos que fazem a grande família dos mortos. Escurece. Há muito que escureceu no pensamento da tia e ela não se lembrava do dia em que se passou por empregada para não ficar com a tutela dele. Foi tutelado pela vida. A vida não é um bom pai, a vida não é uma boa mãe. A vida pertence à família dos órfãos. Somos todos órfãos. A grande família dos vivos é composta de órfãos.

RESENHAS

HALLINA BELTRÃO SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO



Guia de superação para militantes que sobreviveram

Colombiana Laura Restrepo promove “biografia” da sua própria geração de guerrilheiros

Schneider Carpeggiani

Há um momento em que a vida se impõe sem heróis ou slogans. É o que a colombiana Laura Restrepo (convidada da Flip 2011) problematiza no (quase) autobiográfico *Heróis demais*. “Meu primeiro, e último, livro com essa temática”, já revelou em entrevista. Ex-jornalista e, desde os anos 1990, um dos maiores nomes da literatura latino-americana, ela aqui revela os ganhos e perdas da sua geração na militância contra a ditadura militar, denominador – político – comum do Continente entre as décadas de 1960 e 1970.

Seu acerto de contas com o passado não seria completo sem um certo olhar de desdém voltado a quem não cresceu/amadureceu sob o fantasma fascista. Essa perspectiva é explorada na frustração de uma mãe com os hábitos alimentares do filho, que se nega a comer frutas ou legumes: “Se sentia indignada, preocupada e violentada por ele ter semelhante aversão por qualquer

alimento que tivesse mais de uma cor, mais de uma textura, um sabor que não fosse elementar. Achava que atentava contra toda norma de sobrevivência, quase de decência, essa predileção pela comida branca e mole, o leite, o pão, o sorvete de baunilha, a massa, como se temesse levar à boca coisas surpreendentes, escuras ou desconhecidas. Como se o interior dele só aceitasse as primeiras comidas, as de antes do medo”.

Mas seu ar indignado não se restringe às novas gerações. Olha para o que “restou” dos seus contemporâneos com certo pesar. A persona que Laura criou para esse livro fala de pessoas viciadas em ditadura, de homens e mulheres que amadureceram como zumbis, à caça dos mesmos velhos fantasmas, quando inimigo já é outro.

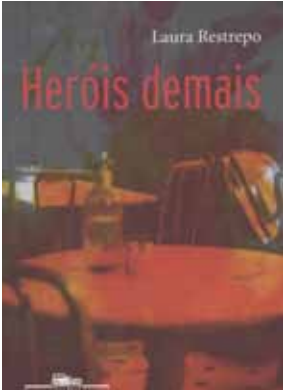
Assim, eternamente presos à história política, esses homens e mulheres lidam com suas decisões pessoais como guerrilheiros: na trama

do romance, pai rapta o próprio filho de dois anos como gesto desesperado para recuperar casamento falido; mãe impõe silêncio sobre o passado. Doze anos mais tarde, um longo diálogo entre mãe e filho procura colar/entender o episódio. Até onde uma ditadura interfere nas relações pessoais? Até onde ela dá o sentido da vida desses adversários? Questionamentos que a autora faz ecoar em *Heróis demais*. Questionamentos típicos da literatura de língua hispânica.

“Não quis escrever uma história de militantes arrependidos. Quis mostrar como a tirania permeia tudo, até os que estão contra ela. A luta política cria uma relação estreita com o inimigo. Até que ponto você não termina se parecendo com ele? Na relação entre mãe e filho isso fica claro. O único meio que o filho tem para chegar ao pai é uma mãe que não quer recordar o passado”, comentou.

Heróis demais nos faz pensar no estranho

silêncio da literatura brasileira diante do trauma da ditadura militar, quando nossos “vizinhos” são tão empenhados em jamais permitir que o passado seja amortecido ou esquecido. E mais: com esse romance, Laura nos revela um jeito delicado e peculiar de recuperar e problematizar lembranças pessoais, que insistem em dizer tanto sobre todos nós.



ROMANCE

Heróis demais
Autora – Laura Restrepo
Editora – Companhia das Letras
Preço – R\$ 39,50
Páginas – 235

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

PRESTÍGIO

Prêmio FIL de Literatura –Feira Internacional do Livro de Guadalajara –inscreve até o dia 22

Um dos prêmios literários mais cobiçados do mundo – além do prestígio, paga US\$ 150 mil ao vencedor – está com inscrições abertas até 22 de julho. O Prêmio FIL de Literatura é organizado pela Feira Internacional do Livro de Guadalajara, em parceria com a Associação Civil Prêmio Latino-Americano e do Caribe Juan Rulfo. Rulfo (1917-1986) foi o mais célebre escritor

mexicano do século passado. Ficou também famoso por seu trabalho como fotógrafo (caso da célebre foto ao lado). O prêmio visa reconhecer a trajetória de um autor vivo, que tenha um valioso trabalho de criação em qualquer gênero literário, em língua românica. O regulamento e uma lista biográfica dos vencedores passados estão disponíveis no site www.fil.com.mx.

DIVULGAÇÃO



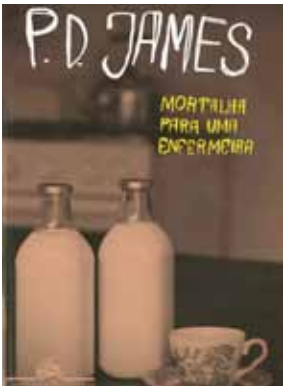
DIVULGAÇÃO



Dama maior do mistério

A escritora inglesa P.D. James é um patrimônio “criminal” do seu país. Tudo isso graças à originalidade com que consegue matar mais e melhor a cada livro. Sua (literária) ficha criminal já rendeu prêmios como o Grand Master, da Mystery Writers of America, e o Diamond Dagger, da British Crime Writer’s Association. Isso sem falar de um título de realeza. Seus leitores fieis não terão do que reclamar em relação ao seu novo romance lançado no Brasil, *Mortalha para uma enfermeira*. Uma jovem aluna morre durante uma aula prática na escola de enfermagem Nightingale House, no Sul da Inglaterra. Pouco depois, outra estudante aparece morta na cama. Os fatos envolvem o local numa atmosfera misteriosa, onde nada mais parece pertencer à normalidade. E

melhor: o cenário para as mortes é um casarão vitoriano que pertencera a uma família poderosa. Ambiente perfeito para causar inúmeros arrepios na espinha. Um caso que dará muito trabalho ao seu incansável detetive Adam Dalgliesh. **(Schneider Carpeggiani)**



ROMANCE

<i>Mortalha para uma enfermeira</i>
Autor – P.D.James
Editora – Companhia das Letras
Preço – R\$ 35
Páginas – 354

DIVULGAÇÃO



A questão da velhice

valter hugo mãe é daqueles que preferem as minúsculas. Essa é só uma das idiossincrasias de um dos grandes nomes da literatura portuguesa hoje. Convidado da Flip deste ano, ele chega para lançar o romance *A máquina de fazer espanhóis* (segundo título de ficção mais vendido em seu país ano passado), obra que ele teve pudor de enviar a um dos seus amigos, seu fiel leitor José Saramago. O pudor é compreensível. A trama retrata a questão da velhice de forma aguda. Seu personagem, um barbeiro chamado Silva, assim como o Nobel, está na casa dos 80 anos. Depois de perder a mulher, é entregue a um asilo. Encontra-se sozinho, mas sem sucumbir ao pessimismo, num mundo cuja metafísica parece ter sido subtraída e se vê obrigado a investigar novas formas de conduzir sua vida. Destaque para o projeto

gráfico do livro, assinado por Lourenço Mutarelli, que também escreveu o texto de apresentação da obra: “Essa é a história de todos os silvas, e é também uma história sobre a saudade, esse sentimento tão profundo que os portugueses fizeram caber em uma palavra”. **(Schneider Carpeggiani)**



ROMANCE

<i>A máquina de fazer espanhóis</i>
Autor – valter hugo mãe
Editoras – Cosac Naify
Preço – R\$39
Páginas – 254

PRATELEIRA

O PALÁCIO DE INVERNO

Misturando História e ficção, o romance coloca o jovem russo Geórgui Jachmenev no centro dos acontecimentos políticos que culminaram na morte do czar Nicolau II e toda sua família, quando eclodiu a revolução Bolchevique, no início do século 20. O adolescente impulsivo da periferia transforma-se no homem que convive com o luxo e as intrigas palacianas, sempre atormentado pela impossibilidade de decidir livremente sobre sua vida. A narrativa se alterna entre presente e passado, entre a Rússia dos czares e a Inglaterra de

Margareth Thatcher, como pano de fundo para uma história de amor cheia de mistério.



Autor: John Boyne
Editora: Cia das Letras
Páginas: 456
Preço: R\$ 39,50

MANHÃ DO BRASIL

Lançado em 2010, o título é finalista dos prêmios Portugal Telecom e São Paulo de Literatura deste ano. A narrativa inova na condução de 75 pequenos quadros, que apresentam os encontros e desencontros de dois personagens anônimos, a partir de um encontro casual, numa trama poética, erótica, lírica e nostálgica. O narrador revela-se o verdadeiro protagonista ao se envolver na história, apaixonar-se pelos personagens e sofrer

consequências. O livro é a alegoria de um Brasil que tenta superar o cotidiano sem perspectivas, buscando a superação e a renovação .



Autor: Luís Alberto Brandão
Editora: Scipione
Páginas: 184
Preço: R\$ 35,90

POETAS DA AMÉRICA DE CANTO CASTELHANO

O “poeta da floresta”, Thiago de Mello, levou mais de vinte anos sonhando com esta coletânea inédita, destinada a contribuir com a integração cultural latino-americana. Durante dois anos ele selecionou, traduziu e organizou 400 obras de 120 autores de 19 países, dentre os quais estão Pablo Neruda, Jorge Luis Borges, Cesar Vallejo, Rubén Darío, Gabriela Mistral, José Asunción Silva, Ernesto Cardenal, Mario Benedetti e muitos outros, representantes de estilos, épocas e temas, que identificam o espírito da poesia latino-americana.



Organizadores: Thiago de Mello
Editora: Global
Páginas: 496
Preço: R\$ 79

SOBREVIVÊNCIA DOS VAGALUMES

O autor analisa o *Artigo dos Vaga-lumes*, escrito por Pasolini em 1975, e estabelece conexões com o pensamento de outros intelectuais, para mostrar as diversas formas de resistência da cultura, das ideias e do corpo, diante da atração do poder político, da mídia e do dinheiro. Ele defende a sobrevivência da experiência e da imagem no

mundo contemporâneo, e recorre ao trabalho do filósofo Walter Benjamin, *Imagem dialética*, para corroborar sua tese.



Autor: Georges Didi-Huberman
Editora: Ufmg
Páginas: 160
Preço: R\$ 32

AUDIOTECA

Deficientes visuais podem ler mais de 2700 livros

A Audioteca Sal e Luz, entidade sem fins lucrativos, criada em 1989, produz e empresta audiolivros, gratuitamente, a portadores de deficiência visual. O site www.audioteca.com.br disponibiliza cerca de 2.700 livros, entre didáticos, profissionalizantes e literatura, em diversos gêneros, que contemplam autores clássicos e contemporâneos. O projeto já recebeu diversos prêmios educacionais.

FLIPORTO

Vilaça é o homenageado da Feira do Livro 2011

Marcos Vinícius Vilaça será o homenageado da 2ª edição da Feira do Livro de Pernambuco, que acontece paralelamente à Fliporto, em novembro. Dublê de jornalista, poeta, advogado, professor e gestor público, ele é autor de oito livros, entre os quais *Coronel, coronéis – apogeu e declínio do coronelismo no Nordeste*, *Cultura e Estado* e *Em torno da sociologia do caminhão*. É ainda membro da ABL e da APL

VOCAÇÃO

Observatório astronômico é programa domingueiro

Reaberto há pouco, o observatório astronômico da Torre Malakoff atrai o público, que lota o espaço nas sextas e domingos, das 16h às 19h. Graças à parceria de órgãos governamentais e universidades com a produtora Nós Pós, o observatório, fundado em 1850, oferece palestras, minicursos, videodebates, exposições e outros atrativos que unem ciência e a arte.

FICÇÃO

Ricardo Lísias



Sobre a rapidez

I. De vez em quando sinto um mal-estar. Não é muito forte e, para ser sincero, até gosto dele. Para compreendê-lo, preciso pensar com calma, o que sempre me agrada muito. Vou para um lugar silencioso e me deito. Prefiro que não seja no chão. Quanto mais silêncio, melhor. Eu me sinto muito bem em lugares com pouco ou nenhum ruído. Não respeito pessoas que gritam. Essa gente que fica nervosa e, espontaneamente, sai berrando. O fato é que não gosto de pessoas espontâneas. Elas não pensam antes de agir. Uma pessoa que faz algo de repente, seja o que for, é vulgar. Tudo o que é muito veloz e espontâneo me incomoda. Eu sinto aquele mal-estar. É um paradoxo: só aparece quando tenho muita coisa para fazer ao mesmo tempo. Não poderei pensar nele antes de realizá-las. Mas para compreender o tal mal estar, preciso ficar sem fazer nada. Sempre que eu tenho que resolver alguma coisa rápido demais, acabo com uma sensação desagradável, portanto.

II. Não consigo usar o *Facebook* por mais de dez minutos sem que essa sensação ruim apareça. Então, tenho que me deitar para compreender a origem de tudo isso. Mas eu gosto, apesar de tudo, porque tenho a oportunidade de pensar na minha personalidade. Não vejo nenhuma graça em um blog, por exemplo. Tudo é muito rápido e superficial. Os blogs são espontâneos. A geração-blog é vulgar. As pessoas espontâneas são de fato ridículas. Elas me lembram muito os escritores que querem contar uma boa

história. Esse tipo de autor de repente vai gritar. Escritores claros e límpidos acreditam na linguagem. Eles gritam e são ingênuos. A geração-blog, as pessoas que gostam do *Facebook*, todos acreditam na linguagem. Quem faz as coisas rápido demais não pensa em nada. Eu me inscrevi no *Twitter*. Parecia que estavam me esfaqueando. Os mini golpes não eram fundos o suficiente para atingir o meu pulmão, mas machucaram a minha pele.

III. Tive que desligar o computador e ir para um lugar silencioso. Mas não consegui pensar na minha personalidade. O *Twitter* não me serviu nem para isso. O auge da espontaneidade e da frase feita me deixou com um mal-estar físico. Procurei pelo corpo, mas não achei nenhum corte. Mesmo assim eu me sentia como se tivessem acabado de ferir a minha pele com um canivete. Não tinham sido golpes muito profundos, mas angustiava. Procurei um lugar silencioso e me deitei, mas dessa vez não consegui pensar na minha personalidade. Lembrei-me, em lugar disso, das últimas visitas do meu amigo André. Ele estava com o braço todo cortado e me mostrava rindo. Os cortes tinham acabado de ser feitos: as cicatrizes ainda estavam com casca. Fiquei perplexo e perguntei o que tinha acontecido. Ele continuou rindo. Quando fui dormir, percebi, por causa do barulho que ele fazia no quarto de hóspedes, a origem dos ferimentos. Assustado, tranquei a minha porta.

IV. Eu me envergonho de ter achado que o André talvez

tentasse algo contra mim. Acho que fiz tudo errado. Não achei nenhum lugar silencioso. Não consegui entender nada. Não existe nada que me desespere mais do que isso. Não é não. Quando acordei, fui chamar o André para tomar café e o flagrei cortando a mão esquerda com um canivete. Tive uma vertigem diante dele e, quando retomei o equilíbrio, comecei a gritar. Não me lembro de tudo, mas sei que falei na minha frente você não vai fazer isso. Era final de 2008 e eu estava muito infeliz. Ele riu e continuou se cortando. Fiquei com medo de impedi-lo à força. Hoje sei que ele não reagiria, mas naquele momento eu só enxergava o canivete. E o André rindo. Saí do apartamento. Eu o abandonei porque fiquei com medo. Fui atrás de um lugar silencioso, mas só achei barulho. Só tinha barulho em São Paulo, muito barulho. Não encontrei nenhum lugar silencioso para tentar entender o que estava acontecendo e isso me incomoda até hoje.

V. Nem no Parque do Ibirapuera encontrei algum silêncio. Não consigo pensar muito rápido. Comecei a ficar cada vez mais desesperado. Subi e desci a Teodoro Sampaio duas vezes. Entrei em todos os cemitérios da região, mas não encontrei um cantinho silencioso. Muita gente estava sendo enterrada naquele dia. Quando eu me sinto oprimido (por não estar conseguindo pensar com muita rapidez), preciso achar um lugar silencioso. Não consigo pensar muito rápido. Naquele dia não encontrei silêncio e depois de

andar para cima e para baixo chorando, pedi ajuda para um carro da polícia. Os guardas voltaram comigo ao meu apartamento. O André tinha ido embora, mas me deixara um bilhete. Não se preocupa, não vai acontecer nada com você. Tenho vergonha de dizer, mas me senti aliviado. Resolvi passar o mês inteiro pensando no que fazer para ajudá-lo. Uma semana depois, quando eu estava indo para um lugar silencioso, me ligaram dizendo que o André tinha se enforcado.

VI.Então, saí andando. Não lembro mais o que eu fiz naquele dia. Quando fui ver o *Twitter* e fiquei angustiado com a velocidade com que as mensagens passavam, procurei um lugar silencioso e acabei me recordando do André. Agora, em março de 2011, não estou mais infeliz e queria que o meu amigão estivesse comigo. Sofro com essa história de que as pessoas que se suicidam não vão para o céu. Semana passada entrei na igreja de Pinheiros. Estava um silêncio maravilhoso. Por favor, Senhor Jesus, eu queria dizer que o André merece ir para o céu. Ele merece muito ir para o céu, Senhor Jesus. Ricardo, essa história é besteira: pessoas que se suicidam também podem vir para o céu. O André está aí, Senhor Jesus? Está sim, Ricardo, o seu amigo veio para o céu. Eu me levantei na mesma hora. Poucas vezes estive tão feliz como agora em março de 2011. Antes de sair da Igreja, pedi para o Senhor Jesus dizer para o André que eu queria muito convidá-lo para o meu casamento.